

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Letícia Hernandes da Silva

**ARTE EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO:
DO MUSEU PARA A SALA DE AULA**

Porto Alegre
2008

Letícia Hernandes da Silva

**ARTE EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO:
DO MUSEU PARA A SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profa. Luciana Gruppelli Loponte

Porto Alegre
2008

Acima de tudo dedico e agradeço a minha família que é a base sólida e fundamental da minha formação como ser humano e principal incentivo em minha carreira acadêmica e profissional. Agradeço a Deus e aos espíritos de luz que estiveram presentes comigo na realização deste trabalho. A Thais, Letíssia, Karine e Goreti as colaboradoras da pesquisa, pois, sem elas nada seria possível e de forma especial a Janaina de Lima Czolpinski, minha colega de aprendizado e fundamental participação neste projeto.

A minha orientadora Luciana Gruppelli Loponte responsável por guiar e abrir os caminhos para o bom andamento dos estudos.

E carinhosamente agradeço aos meus educandos que a cada dia me apresentam desafios novos que me instigam a investigar, aprimorar e refletir sobre minha prática profissional enquanto arte educadora.

É o prazer colocado dentro da escola e da sala de aula. Quando eu vou à escola, eu não vou só para aprender, no sentido de reproduzir e de suprir, e sim para ter a satisfação de que aprender é uma atividade prazerosa. Não fácil, mas prazerosa. Porque me dá uma imagem de mim mesmo, que me permite mudar. Permite-me a troca com o outro, permite descobrir-me, descobrir os outros e sentir que eu tenho voz. E que esta voz me faz sentir mais valorizado. Este é o prazer de que eu falo (HERNÁNDEZ, 2002, p.8).

RESUMO

SILVA, Letícia Hernandez da. *Arte educação e processos de mediação: do museu para a sala de aula*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 53 f. Trabalho de Curso (Especialização em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

Na presente monografia discute-se sobre as práticas de mediação de exposições utilizadas como metodologia de ensino nas aulas de Artes Visuais. Pretende-se com esta pesquisa identificar que métodos são capazes de instigar os educandos nas aulas de Arte no que tange as questões referentes à reflexão, discussão e prática na abordagem de imagens, tal como de que maneira é possível obter êxito utilizando as práticas de mediação empregadas por mediadores das equipes de ação educativa dos museus. Serão abordados os conceitos e terminologias acerca do tema mediação e sugeridos por Mirian Celeste Martins. Outra reflexão que a pesquisa trata é sobre o conceito de problematização do conhecimento através da indagação como método de trabalho tal como sugerido por Fernando Hernández. Por meio das entrevistas e coleta de dados propõe-se a reflexão e compreensão segundo a ótica dos mediadores de como ocorre o processo de auxílio aos educandos/ espectadores a refletir sobre as obras de arte, através da problematização por meio de indagações e questionamentos. Pretende-se com os seus desdobramentos uma troca de informações e experiências de mediadores para educadores, ou ainda, dos museus e centros de cultura para a sala de aula no âmbito escolar. Sugerir à arte-educadores uma metodologia mais prazerosa para instigar seus educandos a pensar sobre as obras de arte, questionar o contexto e apontar diversas possibilidades de compreender e percebê-las.

Palavras-chaves: Educação – Mediação – Formação de educadores

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1 AS QUESTÕES REFERENTES À MEDIAÇÃO	9
1.1 A MEDIAÇÃO E A EDUCAÇÃO DO OLHAR	12
2 A INDAGAÇÃO COMO FATOR PROBLEMATIZADOR	16
2.1 A INDAGAÇÃO COMO MÉTODO DE TRABALHO	19
3 ANÁLISE DE DADOS: METODOLOGIAS DOS MEDIADORES PARA OS EDUCADORES EM SALA DE AULA	22
3.1 ENTREVISTAS E DIÁRIO DE CAMPO: OS SUBSÍDIOS PARA A REFLEXÃO	22
3.2 OS QUESTIONAMENTOS E AS ENTREVISTADAS	
3.2.1 Questão 1: o aspecto fundamental de uma mediação.....	23
3.2.2 Questão 2: Fernando Hernández e a problematização do conhecimento.....	25
3.2.3 Questão 3: as indagações em um processo de mediação	28
3.2.4 Questão 4: a mediação no contexto escolar é possível?	30
3.2.5 Questão 5: a mediação do conhecimento no âmbito escolar	34
3.3 DIÁRIO DE CAMPO: AS OBSERVAÇÕES	37
3.4 REFLETINDO SOBRE AS CONSTATAÇÕES NOS MUSEUS	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	54

APRESENTAÇÃO

O ensino de Arte na atualidade se mostra cada vez mais abrangente, não ficando restrito somente ao âmbito escolar. Já se referem à arte educação os projetos de ação educativa de instituições culturais.

Os museus e galerias de arte que antes se encarregavam da preservação, exposição e exibição das obras de arte, atualmente oferecem também um trabalho pedagógico a respeito das obras expostas. Com isto, a arte educação transpôs os limites das salas de aula e invadiu os espaços expositivos das galerias, tornando-se, assim, não somente espaços de exibição artística, mas também de aprendizagem.

Arte educação e processos de mediação: do museu para a sala de aula, como o próprio título já sugere, é o tema desta pesquisa, que trata sobre as práticas de mediação de exposições utilizadas como metodologia de ensino nas aulas de Artes Visuais.

Essa problemática surgiu a partir de questionamentos levantados durante a experiência que tive como mediadora da 4ª e da 5ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, no Santander Cultural. Nessas experiências, após os dois cursos de formação de mediadores e a prática de mediação efetiva durante as exposições observei o quão interessados eram os grupos de estudantes durante a visita dos espaços expositivos na companhia dos mediadores e suas metodologias.

Logo surgiu o questionamento: se esses métodos de abordagem de obras de arte e imagens são tão eficazes no âmbito de museus, galerias e suas exposições, porque não transportá-los ao âmbito escolar, nas salas de aula, para servirem de ferramentas à arte educadores? Se funcionam em um espaço seria possível funcionar em outro também? Se mediadores possuem esse conhecimento ao alcance de suas práticas, porque não, os educadores, experimentá-los como metodologia em sala de aula?

Dessa forma, a problemática que norteará os estudos da pesquisa para a monografia é a seguinte: é possível utilizar as práticas de mediação das exposições no ensino de Artes na escola? Ou seja, o meu objetivo com esta pesquisa é saber

se é possível e como deve ser a utilização das práticas de mediação em sala de aula na abordagem de imagens entre outros recursos.

Saliento que Mirian Celeste Martins será a autora principal a ser abordada nas reflexões a cerca da temática, justo pelo fato de abordar a mediação de forma incisiva em seus estudos. Utilizo ainda como referenciais, as produções teóricas de Gisa Picosque, Maria Heloísa Ferraz, Fernando Hernández, Analice Dutra Pillar, Maria Helena Wagner Rossi, Maria Isabel Leite e Teresinha Sueli Franz e ainda o Grupo de Pesquisa CNPq Unesp Mediação - Arte/ Cultura/ Público.

Os conceitos e terminologias acerca do tema mediação e sugeridos pelos autores acima serão abordados durante toda a pesquisa bem como o conceito de problematização do conhecimento através do método de questionamento sugerido por Fernando Hernández.

Será possível compreender, por exemplo, que os questionamentos defendidos pelo autor anteriormente citado, abordam muito além da técnica específica das obras, mas, principalmente, o contexto no qual se inserem, os símbolos que estão presentes, as significações, experiências e experimentações em torno das obras de arte, o que acredito tornar o processo de fruição e apreensão da arte muito mais rico e prazeroso.

Pretendo conhecer as metodologias empregadas pelos mediadores efetivos das instituições culturais. Compreender segundo a ótica desses profissionais como ocorre o processo de auxílio aos educandos/ espectadores a refletir sobre as obras de arte, através da problematização por meio de indagações e questionamentos. Por meio das entrevistas e observações realizadas em museus estou propondo com esta pesquisa e seus desdobramentos uma troca de informações e experiências de mediadores para educadores, ou ainda, dos museus e centros de cultura para as salas de aula. Com relação aos termos, mediador e educador, será possível compreender que ambos são educadores, inclusive os mediadores ainda que este atue em um espaço diferente da escola.

Com isso busco identificar que métodos são capazes de instigar os educandos nas aulas de Arte no que tange as questões referentes à reflexão, discussão e prática. Sugerir à arte educadores ativos em sala de aula mais uma opção, uma ferramenta a mais a seu dispor, instrumento esse que seja capaz não

somente de induzir a observar imagens, mas sim, pensar sobre elas, questionar o contexto e apontar diversas possibilidades de compreender e perceber as formas de expressão artística.

Escolhi os autores anteriormente citados porque os conceitos e práticas por eles defendidos são viáveis no exercício diário da profissão tanto em escolas quanto em exposições e faço tal afirmação com base em minha própria experiência profissional, tanto como mediadora como arte educadora da rede privada e municipal de ensino.

Com relação à Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque tive a grata oportunidade de aprender seus ensinamentos pessoalmente. O Curso de Formação de Mediadores da 4ª Bienal do Mercosul foi ministrado por elas, no qual, além do estudo dos textos, foi possível debater com as próprias autoras as dúvidas fomentadas durante o estudo. Foi nessa oportunidade que me deparei com a expressão que mudaria de forma determinante minha prática profissional: “o despertar do sensível olhar pensante”, de Mirian Celeste Martins.

Por fim, a proposta do projeto, *Arte educação e processos de mediação: do museu para a sala de aula*, busca identificar a melhor maneira e se possível sugerir o uso das práticas de mediação de exposições como metodologia de ensino nas aulas de Artes na escola. Nesse projeto se faz necessário compreender de maneira especial, como é possível utilizar esses métodos em sala de aula. Mais do que apenas sugerir, minha intenção foi proporcionar espaço e oportunidade para que houvesse “uma troca de idéias”, um diálogo entre os profissionais atuantes no campo da Arte independente do âmbito o qual se inserem, já que ambos profissionais trabalham em prol da arte educação.

1 AS QUESTÕES REFERENTES À MEDIAÇÃO

Como fazer uso dos métodos de mediação a fim de que se consiga um processo de ensino e aprendizagem eficaz no âmbito escolar, em especial nas aulas de Arte? Essa foi a questão que me motivou a buscar não as únicas, mas talvez as possíveis respostas, ou melhor, sugestões, para auxiliar o trabalho de arte educadores em sala de aula.

Ao visitarmos as exposições das principais instituições culturais do país nos é oferecido o serviço de monitoria, orientação, ou ainda mediação conforme denominações. Os setores de ação educativa dos museus oferecem ao público monitoria em sua grande maioria capacitada para o atendimento tanto de grupos escolares quanto do público espontâneo em geral.

Com base em minha experiência de arte educadora tanto no âmbito escolar quanto no das instituições culturais, observei que as metodologias empregadas nos dois âmbitos são distintas embora na prática estejam realizando o mesmo tipo de atividade, leitura, estudo e análise de imagem/ obra de arte.

E é justo com base nessa experiência profissional que construí e nas constatações que tenho realizado é que posso afirmar: o processo de aprendizagem da arte dentro de instituições e centros de cultura parece ocorrer de forma mais prazerosa e descontraída do que em sala de aula. Saliento ainda que a própria presença do objeto artístico e o contato, ainda que em nível somente visual dos educandos com a obra, são importantes aliados na tarefa de ensinar. Nos espaços culturais, os estudantes passam a ser apreciadores de arte.

Com o auxílio das práticas de mediação adotadas pelos mediadores atualmente, os estudantes não são somente apreciadores que vêem obras de arte, mas sim, indivíduos em desenvolvimento que constroem seu conhecimento com base em reflexões daquilo que estão vendo, presenciando.

Dessa forma, diversos foram os estudos e pesquisas realizadas em torno do assunto, todas visando qualificar o trabalho de arte educação desenvolvido em museus. Com sua prática profissional baseada em determinadas teorias os monitores nos dias de hoje, ganharam status de mediadores.

Mediadores, pois eles não somente informam os dados específicos das obras de arte, mas também, instigam os espectadores a investigar e refletir acerca delas, auxiliando com isso o processo de fruição da arte.

Segundo afirma Mirian Celeste Martins (2003), são vários os mediadores possíveis, mas no museu ou instituição cultural, certamente, o monitor é o principal deles, assim como na escola é o educador. Nesse aspecto acredito ser possível ao educador na escola ser também um mediador, tal qual o monitor do museu é denominado. A cada um cabe realizar mediações pedagógicas profissionais e competentes, mas devemos admitir que os mediadores ou monitores nas instituições culturais têm a seu dispor uma série de fatores capazes de encantar os estudantes/visitantes.

Com relação a este aspecto da diferenciação de denominações acredito que o termo monitor não é o mais adequado, pois, monitor é alguém que monitora, controla algo ou alguém, portanto seria uma relação autoritária de monitor para visitante. Prefiro utilizar o termo mediador, acredito ser uma denominação mais branda e que determina de forma ideal o trabalho de tal profissional, à medida que ele não monitora, ou controla o grupo de visitantes, mas sim, possibilita a aproximação do público com as obras, ele é o responsável por estreitar as relações entre obra – espectador por meio da mediação.

Saliento que compreendo mediação como um diálogo, uma conversa (capacitada) a fim de suscitar uma troca de opiniões, conceitos, conhecimentos e experiências sejam elas estéticas ou não entre obra – mediador – público. Saliento que complementei o termo conversa com o termo “capacitada” porque para que o diálogo ocorra de forma eficaz e com qualidade o mediador precisa além de preparo, experiência e estudo. Embora o diálogo de mediação seja uma conversa muitas vezes em tom de informalidade ela tem objetivos e deve ser bem planejada, não podendo ser um diálogo sem rumos.

Ainda sobre a relação entre mediador – público Maria Isabel Leite discorre:

A diferença central reside na base científica que fundamenta a idéia de instigar a curiosidade e a vontade de aprender do visitante, afinal, poderíamos dizer que o que falta nos museus é a possibilidade de acolher a capacidade imaginativa dos visitantes, sejam eles crianças ou adultos (Leite, 2005, p. 31).

Os museus como já dito anteriormente têm a seu dispor uma série de fatores capazes de encantar os visitantes sejam eles crianças, adolescentes ou adultos, enquanto que com relação às escolas os recursos e a própria ambientação não suscitam a vontade de aprender e a curiosidade dos estudantes, independente de serem crianças ou adultos. Porém, de que adianta possuir uma estrutura física capaz de instigar o desejo e a curiosidade dos visitantes sejam eles estudantes ou não, se os mediadores não sabem fazer uso deste espaço? Concordo com a afirmação de Maria Isabel Leite, e acredito que a diferença reside entre uma visita orientada e uma visita guiada. Ao visitar museus e galerias de arte nas cidades de Porto Alegre e Buenos Aires observei que nem sempre os mediadores trabalham de uma mesma maneira nos projetos de ação educativa oferecido pelos museus. Em uma única instituição cultural é possível encontrarmos mediadores realizando visitas tanto com fins apenas informativo, e outros com finalidade de educar, instigar, trocar. Não invalido nem uma das duas práticas, nem mesmo na diferenciação que fiz entre os dois termos, mediador e monitor, acredito, porém, que seria mais interessante a arte educação no âmbito das instituições culturais se as duas práticas e os dois termos “caminhassem juntos”.

Uma visita orientada é diferente de uma visita guiada, pois, compreendo que são dois termos distintos tanto em relação à conceituação quanto em relação à metodologia empregada. Em uma visita orientada, o mediador orienta através de questionamentos que instiguem ao diálogo e a troca de experiências e informações. Enquanto que em uma visita guiada, o monitor guia determinado grupo pelo espaço expositivo palestrando a respeito das informações acerca das obras, havendo ou não tempo previsto para perguntas dirigidas ao monitor que por sua vez responde e soluciona dúvidas, não necessariamente um diálogo, com troca de experiências e opiniões.

Desta forma acredito que a visita orientada e o mediador consigam instigar a curiosidade e a vontade de aprender dos visitantes, sejam eles estudantes ou não. O mediador capacitado e engajado na arte educação no âmbito das instituições culturais acolhe a capacidade imaginativa dos visitantes e consegue fazer uso dos recursos que dispõem de forma criativa tanto no que se refere ao espaço expositivo como nas obras que nesse se encontram.

Dentro da arte educação é possível verificar formas diferentes de abordagem de obras. Em instituições culturais os mediadores abordam as questões referentes à Arte Visual com a presença das obras de arte, de forma instigadora e a problematização é proposta por meio de questionamentos. Em sala de aula, os educadores realizam as leituras de imagem, com base em metodologias já há muito abordadas. Não são raros os arte educadores que expõem a seus educandos reproduções de obras de arte e solicitam a leitura de imagem, por meio de questionários escritos individuais ou em grupos, como forma de avaliação.

A diferença que percebo aqui é que os mediadores dentro dos centros de cultura realizam uma leitura de imagem de forma prática, enquanto que determinados educadores em sala de aula realizam a leitura de imagem de maneira teórica. Não pretendo aqui preterir ou até mesmo desqualificar os métodos de determinado profissional, busco apenas maneiras mais criativas e prazerosas de ensino aprendizagem em Artes Visuais inserida nos ambientes escolares. Acredito ser possível abolir os questionários escritos e passarmos a realizar conversas, diálogos de construção de conhecimento junto com nossos educandos durante as atividades de leitura de imagem na escola.

1.1 A MEDIAÇÃO E A EDUCAÇÃO DO OLHAR

No livro *Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos I* os autores buscam repensar os possíveis instrumentos metodológicos de ensino aprendizagem para a construção do conhecimento e de uma consciência. Enfatiza a importância de aprendermos a desenvolver um olhar observador, reflexivo e crítico visando à qualidade e o aprimoramento na prática de nós educadores escolares.

No referido livro as autoras Mirian Celeste Martins e Madalena Freire Weffort tratam sobre a educação e o desenvolvimento dessa maneira de olhar e observar as coisas e o quanto isso pode ser significativo no processo de ensino e aprendizagem da arte, no sentido de fruição dela.

Mirian Celeste Martins discorre sobre o significado do termo “o sensível olhar – pensante” em um texto de mesmo nome e extraído do livro acima citado:

Educador ensina a pensar, pensando.
 Educador ensina a olhar, olhando. Mas, não é um “ver qualquer”, superficial, rápido, não-implicado com o conhecimento.
 Educador ensina o sensível olhar - pensante. Olhar sensível, e que é portanto, afetivo. Olhar que pensa, reflete, interpreta, avalia.
 Olhar - pensante é percepção cognoscitiva. Percepção que vai além dos dados sensoriais. O Olhar pensa, é visão feita interrogação, diz Cardoso.
 Olhar - pensante curioso diante do mundo, que transcende as aparências e procura o que está por trás (MARTINS, 1996, p. 21).

Acredito ser esse o principal objetivo de um processo de mediação com qualidade. Instigar o visitante/ estudante a ter sobre os objetos da arte um olhar amplo, ou seja, um olhar que vai além do óbvio, ou do simples perceber. O educador bem como os mediadores das instituições culturais devem ter como meta principal de seus planos de mediação auxiliar na construção e desenvolvimento de sujeitos mais críticos, reflexivos e por fim atuantes em seu contexto. Desenvolver uma determinada consciência crítica e atuante é papel da arte educação, para isso a observação / olhar atento e pensante sobre as obras de arte, a análise com base em diálogos coletivos permeados por indagações que sejam capazes de instigar tal observação são parte do trabalho de mediação tanto em museus como nas escolas.

Considero o processo de mediação como uma teia de conceitos, práticas e metodologias relacionadas entre si. Despertar o sensível olhar – pensante dependerá de quão instigantes forem às indagações a cerca das obras, isso caracteriza como é na prática um processo de mediação significativo e eficaz. As indagações servirão a essa metodologia se forem capazes de problematizar o contexto e demais conceitos que as obras apresentam. Problematizar o conhecimento por meio de indagações e questionamentos, socializar e mediar o diálogo que provém das respostas é uma maneira de construir o conhecimento coletivo, auxiliar os visitantes/ estudantes no sentido de se apropriarem de determinados conceitos e fazer uso dos mesmos de forma coerente. A mediação dessa forma contribuiu na construção da consciência dos sujeitos. Por esse motivo, acredito ser tão útil também na arte educação escolar a metodologia de mediação que as instituições culturais e os projetos educativos se utilizam.

Ainda segundo Martins:

O olhar – pensante procura formas de olhar. Procura no próprio objeto a forma de o compreender. Percebe as diferenças o que já conhece. E faz relações.

Aprender a pensar, aprender o olhar – pensante não é somar conhecimentos já internalizados, apropriados, mas é estabelecer relações entre semelhanças e diferenças (MARTINS, 1996, p. 21).

Observar a obra não é apenas ver o superficial, mas sim olhar e pensar, aprender a ler a obra e seus possíveis significados implícitos nas “entre linhas”, estabelecer relações, conexões entre artistas, períodos, obras e contextos. Acredito que o olhar - pensante não prevê que existam respostas e conclusões corretas ou erradas, uma vez que ele procura formas de olhar e por ventura essas outras formas de olhar possam levar a caminhos distintos e análise de obras que por vezes não constam nos livros de história e crítica de arte. Dessa forma, o sensível olhar – pensante abre espaço para que cada indivíduo faça suas relações, suas comparações de diferenças e semelhanças, para que construa sua própria idéia acerca de determinada obra. Vivencia uma experiência estética única que pertencerá a ele, fará sentido para ele em seu contexto de forma particular. Assim o diálogo se faz fundamental nesse processo uma vez que ele possibilita a socialização e troca de opiniões e experiências estéticas de ambos os sujeitos que observam determinada obra de arte ou sua imagem.

Com relação à forma de dialogar durante um processo de mediação Martins e Gisa Picosque afirmam que:

Diálogos que saibam dosar cuidadosamente a ampliação de repertórios e a valorização e aproximação com aquilo que os visitantes trazem em suas bagagens pessoais e sociais. Diálogos que não se fixem em perguntas que podem se tornar entediadas ou persecutórias, mas que saibam puxar a prosa, desvelar os saberes e os não-saberes, os conceitos e os pré-conceitos, para que possa trabalhar sobre eles, alimentá-los, ampliando-os para que a experiência estética se concretize. Talvez possamos infectar de vírus estéticos outras tantas cabeças! Vírus das perguntas que se tornam cada vez mais complexas porque abrem novos pontos de vista (MARTINS; PICOSQUE, 2003, p.1).

O trecho acima foi extraído de um texto escrito pelas duas autoras em função do Curso de Formação de Mediadores da 4ª Bienal do Mercosul em 2003. O texto apresenta de forma sistemática o passo - a - passo de uma mediação que tenha como embasamento, problematizar a obra para o grupo visitante da exposição através de indagações que promovam a troca de informações e a conseqüente construção do diálogo. É importante salientar que o excerto acima cabe tanto a realidade das instituições culturais quanto a escola. Por isso, é fundamental que tanto mediadores quanto educadores no âmbito escolar devem ter como base em sua mediação o repertório que carregam os sujeitos de determinado grupo.

Considerar a bagagem cultural e social que cada um possui a fim de desvendar, debater e transformar os conceitos e também os pré-conceitos que determinados sujeitos carregam consigo ou não. Esse é o papel do educador do museu e do educador da escola, ambos mediadores de saberes.

De encontro com o termo “o sensível olhar - pensante” Madalena Freire Weffort complementa explicando como deveria ocorrer a aprendizagem desse olhar e afirma que:

Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira.

Para romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante (WEFFORT, 1996, p.10).

Desse modo quando necessitarmos indagar nossos educandos com o intuito de que desenvolvam esse sensível olhar – pensante sobre a obra devemos antes ensiná-los a observar atenta e silenciosamente a obra de arte. Atentá-los para os detalhes, instigá-los a pensar de forma distinta daquela que normalmente o fariam, auxiliá-los a trilhar um caminho de observação e conseqüente educação do olhar para longe dos estereótipos. Educar e ajudá-los a construir esse tipo de olhar atento e sensível de observação inteligente não é tarefa comum, e não se baseia somente em olhar a obra ou sua reprodução de imagem, mas também nas falas do diálogo, a escuta das idéias alheias. Pois, segundo a própria autora, o ver e o escutar fazem parte do processo da construção desse olhar.

2 A INDAGAÇÃO COMO FATOR PROBLEMATIZADOR

Acredito na utilização dos métodos de mediação nas aulas de Arte, pois assim como ocorre nas exposições em museus, o diálogo a partir das indagações problematizadoras é eficaz na construção do conhecimento em torno de determinada obra de arte. Abordar uma obra em sala de aula, ainda que por meio de reprodução de imagem, de forma prática, por intermédio do diálogo e da socialização de idéias, auxilia na construção do repertório próprio de conceitos e conhecimentos de cada um dos indivíduos.

Conforme afirma Mirian Celeste:

[...] a mediação sob este ponto de vista, se enriquece na troca de pontos de vista de cada um no seu grupo, [...] ampliando conhecimentos e partindo para novas problematizações. A socialização destes pontos de vista são portanto imprescindíveis para a ampliação da compreensão da arte, ultrapassando o perigo de colocar na voz do monitor, do professor ou do teórico a interpretação que poderia ser colocada como única e correta (MARTINS, 2003, p. 23).

Logo, a mediação se faz necessária ao arte educador, como instrumento de ensino, o qual auxiliará os estudantes a compreender a arte e suas implicações, bem como ampliar o repertório de conceitos de forma tão prazerosa como nos espaços expositivos dos centros culturais, e principalmente o farão por meio de seus próprios esforços. Não terão mais que ouvir e aceitar como correta a informação ou forma de ver e interpretar que o educador já trouxe pronta para sala de aula. Ao problematizar determinada imagem em sala de aula com o auxílio de questionamentos aberto ao debate e a discussão em grupo ocorre a socialização dos diversos pontos de vista dos indivíduos do grupo. Abre-se espaço para que o estudante de forma particular considere e reflita acerca da opinião dos demais colegas e, com isso, passe a criar determinada concepção da imagem exibida e que abrange não somente o seu posicionamento, mas também o dos demais colegas da turma. Educador e educandos nesse processo constroem juntos.

Portanto, o educador enquanto mediador em sala de aula é o responsável por criar situações de contato dos educandos com a arte, e a melhor forma de fazê-lo no contexto da escola é a problematização de determinada imagem escolhida para estudo. A problematização se torna instrumento de ensino eficaz a partir do

momento em que o educador não somente questiona os estudantes sobre a imagem, mas sim, complementa o diálogo do grupo, com os conceitos e informações prévias que já conhece da obra. Ele deixa de ser o professor e detentor da verdade absoluta e passa a considerar aquilo que seus estudantes carregam consigo, ele não somente fala, mas ouve também. Para Martins:

[...] o papel de um mediador é importante para a criação de situações onde o encontro com a arte, como objeto de conhecimento, possa ampliar a leitura e a compreensão do mundo e da cultura. Capaz também de abrir diálogos, internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais e culturais de cada produtor / fruidor / aprendiz (MARTINS, 2003, p. 23).

Dessa forma, torna-se claro o papel do educador como mediador de conhecimento em sala de aula. Com a metodologia diferenciada na abordagem de imagem o educador torna a atividade prazerosa e até certo ponto criativa, dependendo dos desdobramentos que planejar.

O educador, além de problematizar com indagações e realizar uma leitura de imagem prática e que envolve a turma toda, pode ainda realizar um estudo da obra em questão através de exercícios de desenho, pintura, escultura, podendo propor uma investigação acerca dos segredos e detalhes apresentados pela imagem da obra exibida em sala de aula. Ainda assim, torna-se fundamental a socialização dos pontos de vista, pois, são eles os responsáveis por ampliar a leitura e compreensão da arte que os educandos constroem. Acredito ser a problematização /socialização o ponto de partida para o estudo e leitura de imagem, ela abrirá caminhos e possibilidades para a ampliação de conceitos.

Para conseguir despertar o interesse dos aprendizes torna-se importante pensar a respeito da qualidade da reprodução de imagem que o educador levará para a exibição aos estudantes. Despertar a atenção e o interesse dos estudantes com reproduções diminutas dos livros de arte não será possível. Deve-se tentar propiciar mesmo ao estudante que se encontra em sala de aula um deslumbramento ao menos parecido com aquele que um visitante tem quando está diante da obra de arte no museu. Considerando-se que a presença da obra não é substituída plenamente por uma reprodução por melhor que seja sua qualidade, saliento neste ponto que a reprodução é útil para um contato inicial apenas, e que se deve buscar alternativas de contato dos estudantes com as obras de arte em si. Pois, ainda que se esteja abordando em sala de aula a mesma arte exposta em museus, a

experiência na escola, será diferente daquela que ocorre nas instituições culturais. Deve-se considerar neste ponto que os centros de cultura e museus em geral são prédios imponentes onde a arquitetura é um atrativo a mais do ponto de vista do público. Por exemplo, prédios históricos restaurados possuem além da arquitetura deslumbrante e riquíssima em detalhes, apresenta todo um repertório histórico e visual capaz de proporcionar aos visitantes uma experiência estética inigualável. Por este motivo creio que por mais interessantes e instigantes que as aulas de artes possam vir a se tornar no ambiente escolar, a visita aos museus e centros de cultura deve fazer parte do repertório da disciplina de Arte. Não se deve substituir uma pela outra, ao contrário, devem se desenvolver de forma concomitante.

Portanto, é fundamental pensar também nas dimensões da reprodução a ser exibida. As reproduções de imagem em tamanho A3 e em livros específicos de História da Arte são muito úteis, mas não creio que serão tão eficazes à atividade de apreciação, problematização e diálogo em grupo, quanto à projeção de imagem, seja ela em equipamento retro projetor como em *data show*.

Sendo assim, a projeção das imagens pode ser uma ferramenta para simular a visita do grupo a um museu, pois, se os estudantes não têm a oportunidade de ver tais obras pessoalmente é dever do educador /mediador trazer o conhecimento e as obras para dentro da sala de aula, da biblioteca, da sala de vídeo, do pátio da escola. Compreendo ser possível e útil utilizar-se de outros ambientes da escola. Por isso, acredito que a projeção de imagens seja eficaz, pois, em geral ocorre em tamanho muito maior do que a dos livros e capta melhor a atenção dos aprendizes. Com isso torna-se possível aproximar a obra de arte do museu do estudante que se encontra no ambiente escolar, e não precisa se restringir somente ao ambiente organizado de classes enfileiradas da sala de aula.

Porém, julgo mais importante ainda salientar que mesmo contando com métodos de mediação mais eficazes como ferramenta de trabalho e recursos audiovisuais de última geração que proporcionam boas projeções de imagens, os educadores não devem trocar, ou substituir uma boa visita ao museu por atividades localizadas no âmbito escolar. Por mais prazeroso, instigante e produtivo que o processo de ensino – aprendizagem torne-se dentro da escola, não se deve esquecer que o contato com os bens culturais deve fazer parte do repertório de construção cognitiva dos aprendizes. Tal como afirma Maria Isabel Leite, [...] uma

experiência indireta com a obra não substitui a experiência direta (LEITE, 2005, p.24), ou seja, nada se compara ao contato direto com as formas de arte, ainda que o contato seja apenas visual. Pois, nem sempre há a possibilidade de contato tátil com as obras no museu, mesmo assim, a experiência que o educando vivenciar neste espaço de cultura será diferente e até certo ponto mais significativo para ele próprio, dependendo da forma como o mediador proceder durante a visitação.

2.1 A INDAGAÇÃO COMO MÉTODO DE TRABALHO

O subtítulo acima explicita exatamente a que se propõe o método de indagação, defendido por Fernando Hernández, este subtítulo na verdade intitula a entrevista concedida pelo autor a revista *A paixão de aprender* da Secretaria Municipal de Educação do Município de Porto Alegre. Esta entrevista foi realizada em 2002 e trata a respeito do processo que instiga os aprendizes através de indagações como método de trabalho em sala de aula para a socialização de idéias e compreensão do conteúdo.

Segundo Fernando Hernandez:

Esta perspectiva é indagadora, ela não só trabalha sobre as falas, como constrói o conhecimento coletivo a partir das falas dos outros. A idéia não é “você fala e da sua fala você aprende”, e sim é da sua fala, de nossa conversação, de nosso diálogo, que nós geramos conhecimento. O trabalho do coordenador é articular o conhecimento que emerge das falas e retornar ao grupo este conhecimento, fazendo as colocações que o grupo não faz (HERNÁNDEZ, 2002, p. 6).

Sendo assim analisando a afirmação do autor em relação à prática de mediação percebe-se que a perspectiva indagadora a qual ele se refere acima serve de base para a metodologia empregada pelos mediadores e assim o deveria ser também em sala de aula. Com isto é possível trabalhar pedagogicamente na construção do conhecimento dos aprendizes. Os educadores bem como os mediadores funcionam como coordenadores dos diálogos suscitados em relação às obras de arte. Eles mencionam para determinado grupo os questionamentos úteis ao diálogo, organiza a discussão, rebate ao grupo determinadas falas e dúvidas

emergidas durante a fala deles, e ainda complementa com as informações que não foram percebidas por eles, reiniciando nova discussão.

Porém, ao se trabalhar desta forma é preciso também pensar previamente em quais os melhores e mais significativos questionamentos devem ser feitos durante o processo de mediação. Não basta apenas formular questões ao acaso, é preciso as estudar com antecedência pensando sempre em seus possíveis desdobramentos e nas possíveis respostas que poderão surgir. Para Hernández:

... é importante pensar sobre as perguntas quando se pretende facilitar atos de compreensão. Uma pergunta que não problematiza não ajuda a compreender. Uma pergunta que demanda uma resposta de baixo nível de compreensão ..., não vão facilitar para que o jovem visitante se interroge, se abra a necessidade da indagação e se interesse por seguir aprendendo (HERNÁNDEZ, 2002, p.10).

Um questionamento fraco não instiga os aprendizes ou mesmo os espectadores de mostras culturais e artísticas refletirem sobre as obras / imagem. Utilizar por vezes um tom de desafio nos questionamentos, pode ser uma tentativa de motivar a reflexão e o diálogo. Fernando Hernández discorre sobre e defende que é preciso problematizar para auxiliar e facilitar atos de compreensão. Acredito com relação a esse aspecto que um dos papéis do arte educador até mesmo dos mediadores é o de desacomodar, incomodar e perturbar, dessa forma é possível mobilizar determinado visitante / estudante a pensar e buscar as respostas, procurar soluções, aprimorar a percepção.

Como afirma Hernández, deve-se pensar previamente nos questionamentos a serem feitos aos estudantes e pensar nas possíveis respostas que surgirão. Pois, se queremos que os questionamentos façam os aprendizes refletirem de forma mais profunda acerca das obras e do contexto em discussão devemos formular questões que demandem uma resposta de alto nível, ou seja, resposta que não seja fácil e imediata. Acredito que questionamentos óbvios, demandarão respostas de baixo nível e, portanto, não haverá a problematização e conseqüente reflexão.

Outro aspecto fundamental em um processo de mediação é a capacidade de indagar sobre as dúvidas, ou seja, o mediador / educador atuar no grupo como um espelho, rebatendo as dúvidas que surgem e as redirecionado ao grupo, instigando-os a pensar e encontrar as possíveis soluções e respostas por eles próprios. Não acredito ser útil para o processo de fruição da arte, o educador responder aos

questionamentos e dúvidas de forma correta e rápida, julgo mais interessante rebater a pergunta para fazê-los analisar mais atentamente a situação e assim eles próprios encontrarem a resposta para suas dúvidas. Às vezes uma boa mediação mesmo dentro de um espaço cultural pode ser muito produtiva quando aborda somente duas obras de arte, o diálogo em torno destas pode suscitar diálogos interessantes e bastante úteis, à medida que deverão estar de acordo com as necessidades e a demanda de determinado grupo de visitantes / estudantes.

Outro aspecto importante a se considerar no processo de mediação é que quando indagamos e questionamos os educandos visando instigá-los de nada valerá pensar antecipadamente perguntas que demandem respostas de alto nível, se antes mesmo de os estudantes/ visitantes concluírem determinada idéia nós educadores anunciamos a resposta correta para aquela pergunta.

Para Fernando Hernández (2002, p.6 -7) está havendo um processo de indagação, no qual você dá respostas (não dá a resposta certa), você atua como um espelho, que retorna o olhar e o diálogo do grupo, refletido, ordenado, elaborado [...]. Com isso, devemos antes de anunciar as respostas corretas e terminarmos com os questionamentos e o debate Hernández sugere que o educador atue como um espelho, capaz de refletir, rebater determinado apontamento para que os demais integrantes do grupo possam contribuir com suas opiniões e construam juntos uma possível resposta, uma possibilidade de interpretação de determinada obra de arte. Após esse momento então se faz útil que o educador complemente a seqüência de idéias com as informações que ele próprio conhece da obra em questão. Sempre deixando claro que a informação que ele traz não anula tudo o que foi discutido e construído coletivamente até aquele momento. Ao contrário, soma-se ao conjunto de idéias e passa a fazer parte do repertório de cada um dos estudantes/ visitantes que tenha participado de determinado trabalho de mediação e problematização em torno da arte, essa aprendizagem será significativa, pois eles a construíram a partir de si próprios, não a receberam pronta, acabada e encerrada.

3 ANÁLISE DE DADOS: METODOLOGIAS DOS MEDIADORES PARA OS EDUCADORES EM SALA DE AULA

3.1 ENTREVISTAS E DIÁRIO DE CAMPO: OS SUBSÍDIOS PARA A REFLEXÃO

As informações que seguem neste capítulo foram obtidas através de quatro entrevistas com mediadores em atividade nas instituições culturais na cidade de Porto Alegre ou ainda que possuam experiência como mediadores, mas que atualmente exercem a função de arte educador no âmbito escolar. Outro recurso utilizado no presente projeto de pesquisa são as anotações contidas em meu diário de campo, o qual utilizei-me durante o trabalho de pesquisa e observação dos mediadores em algumas exposições ocorridas em Porto Alegre no período que compreende o segundo semestre do ano de 2008.

Durante esse período estive observando alguns mediadores em atividade nas exposições ocorridas entre os meses de julho a novembro do corrente ano. Foram elas: *A Primeira Missa no Brasil: O renascimento de uma pintura* e *Pedro Weingärtner: Obra gráfica* no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS). As exposições *Transfer*, *Gilberto Freyre: intérprete do Brasil* e *Ariano Suassuna: iluminogravuras a estética armorial* no Santander Cultural. E ainda *Arte e Memória: Anos rebeldes* no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As quatro entrevistadas tiveram seus nomes preservados e sendo assim serão identificadas apenas com a letra inicial de seus nomes. O roteiro da entrevista a qual as participantes foram submetidas encontra-se em anexo.

A primeira entrevistada será identificada apenas pela letra J., possui Licenciatura Plena em Artes Visuais e não possui curso de pós-graduação. Trabalha efetivamente no projeto de ação educativa do Santander Cultural. Trabalhou como mediadora durante 3 anos e há um ano atua como assistente de coordenação nessa mesma instituição.

A segunda entrevistada será identificada pela letra L., ela possui Licenciatura em História pela Universidade de Passo Fundo e atualmente cursa Museologia pela

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especializou-se em Arquitetura e Patrimônio Arquitetônico do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente dedica-se ao curso de Museologia, sua experiência como educadora é referente ao período de estágio com duração de três meses. Trabalhou como mediadora durante 4 meses com contato direto com o público, considerando-se ainda o período de treinamento que totaliza em torno de um ano.

A terceira entrevistada será identificada pela letra T., ela possui Licenciatura em Artes Visuais e não possui curso de pós-graduação. Trabalha efetivamente há 1 ano como arte-educadora na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Fernando Gomes. Trabalhou como mediadora em 2 Bienais do Mercosul e em exposições diversificadas em um período de 3 meses.

A quarta e última entrevistada a colaborar com a pesquisa será identificada pela letra K. e tem 19 anos de idade. Cursa o 5º semestre de Licenciatura em Artes Visuais na UFRGS. Trabalhou como mediadora na exposição de Goya, ocorrida no MARGS e na 6ª Bienal do Mercosul e atualmente é bolsista de iniciação científica na área de arte e arte educação. Seu tempo de atividade como professor é somente de 4 meses como estagiária de artes.

3.2 OS QUESTIONAMENTOS E AS ENTREVISTADAS

3.2.1 Questão 1: o aspecto fundamental de uma mediação

A primeira questão da entrevista perguntava: com base na experiência de mediador, qual o aspecto fundamental em uma mediação? A entrevistada J. respondeu:

[...] questionamentos em relação ao seu contexto sócio-cultural poderemos traçar um percurso coerente para o grupo, trazendo elementos do seu cotidiano, suas bagagens de experiências para uma troca de informações, que enriquecem a mediação (J., entrevista em 1/10/2008).

Por sua vez a entrevistada L. respondeu:

Considero que o aspecto fundamental em uma mediação é estarmos completamente abertos e desprovidos de qualquer preconceito, para que a

ponte obra/autor e público seja bem sólida [...] De nada adianta ter tudo na ponta da língua, tudo decorado, despejar sobre o visitante toda a informação. O mediador, assim, não respeita o “não saber” do público. E, isso é desrespeitar o visitante e o público. Então, obra e público, com esse tipo de mediador arrogante e cheio de si, nunca irão dialogar. Como lidamos com diversidade, tanto de credo, religião, como de sexo e idade, escolaridade, enfim, é importantíssima a abertura cultural e não preconceituosa de quem terá que dialogar com esse público (L., entrevista em 13/11/2008).

A entrevistada afirma que de nada adianta ter tudo na ponta da língua, tudo decorado e despejar sobre o visitante toda essa informação, e neste aspecto concordo com ela quando afirma que não se pode “despejar” a informação sobre os visitantes/ estudantes.

Ainda que haja concordância na forma de pensar sobre a questão discordo dela em parte na sua resposta. Creio que o educador mediador deve sim ter a informação na ponta da língua, deve ter conhecimento profundo, ou ao menos razoável do que pretende mediar, para que desta forma ele possa fazer uso da informação nos momentos apropriados, pois, essa informação complementa o diálogo do grupo. Segundo Franz (2001, p.61) no encontro com a obra real, a apreensão estética só vai acontecer de maneira completa se já estivermos munidos dos conhecimentos indispensáveis sobre ela e que quanto maior for este conhecimento, maior será nossa reação, acho justo então que o educador proporcione condições de apreensão estética satisfatória a seus educandos. Partilhar o saber, para isso serve as informações na ponta da língua.

A entrevistada K. respondeu a pergunta de forma a enfatizar o que de principal há em uma mediação, ou seja, instigar o visitante a pensar sobre o que vê, tal como se denota na resposta:

Acredito que o mais importante na mediação é instigar o visitante a pensar sobre o que ele está vendo. [...] É importante que a conversa ocorra naturalmente, o mediador se mostra disposto e aberto para qualquer forma de discussão, e assim começa uma conversa agradável, [...] O mediador não sabe tudo, não está ali para ensinar ninguém, e sim para conversar e trocar idéias – informações sobre a obra e/ou a exposição. A aprendizagem é mútua. Isso é algo que deve ficar claro para o visitante, que muitas vezes não sabe disso (K., entrevista em 29/11/2008).

Quando interrogadas sobre qual o aspecto fundamental em uma mediação, ao menos duas das entrevistadas afirmaram que o momento do acolhimento, que no caso da mediação em museus, é o momento em que o mediador recebe o grupo e estabelece o primeiro contato. Segundo T. afirmou:

Um bom acolhimento ao grupo para conquistá-los já de início, ter conhecimento do conteúdo exposto, ser flexível no roteiro a apresentar ao grupo, usar a linguagem do grupo de visitantes. Instigar o visitante a tirar suas conclusões (T., entrevista em 13/11/2008).

Elas salientaram esse como um momento importante porque é neste primeiro contato que é possível perceber o perfil do grupo, conhece-se as bagagens e os conhecimentos que eles possuem ou não, para a partir daí saber que caminhos seguir durante a mediação. Com isto é possível saber que indagações e apontamentos estarão de acordo com o contexto social e cultural do grupo. É possível também, traçar um percurso mediativo coerente e significativo, que estabeleça relações com os elementos do cotidiano deles, oportunizar momentos em que eles deverão expor sua forma de pensar, bem como o educador mediador aproximar a linguagem do discurso a uma linguagem comum ao grupo a fim de facilitar a socialização.

Segundo Gabriela Aidar do Grupo de Pesquisa Mediação Arte/ Cultura/ Público (2007, p. 20) não se gera vínculo afetivo com algo que não tem relevância para nossa vida, por isso, enfatiza-se aqui a necessidade de estabelecer relações e conexões com o contexto de determinado grupo, compreendendo-se que o sucesso do processo de mediação problematizadora dependerá desse aspecto. Com isso é possível proceder a mediação de uma maneira enriquecedora para ambos participantes do processo, tal como afirma a entrevistada K., o mediador não sabe tudo e a aprendizagem é mútua. Respeitar o “não saber” também é importante.

3.2.2 Questão 2: Fernando Hernández e a problematização do conhecimento

Segundo Fernando Hernández, saber problematizar o assunto a ser exposto é fundamental para que o aprendiz / visitante construa seu repertório próprio de conhecimentos. Como você problematiza as obras das exposições bem como seu contexto durante as visitas mediadas dos grupos de estudantes? Com essa interrogação pretendi investigar como ocorre a problematização de determinada obra e seu contexto durante uma mediação. Como resposta a esta segunda questão da entrevista a colaboradora T. respondeu da seguinte maneira:

Tento sempre trazer o conteúdo exposto a uma realidade próxima do aprendiz/ visitante. Deixar a exposição/ assunto parecer algo próximo da

realidade e com linguagem do visitante. Incentivar suas percepções, valorizar seu ponto de vista, não impor o meu ponto de vista como uma verdade. Deixar claro que a obra de arte é um material aberto a interpretações (T. entrevista em 13/11/2008).

Ela trouxe a importância de trazer o conteúdo exposto até uma realidade próxima do aprendiz/ visitante. Isso se torna possível à medida que se estabelece conexões com o mundo, ou com a “tribo” de determinado grupo. Fazer com que a exposição/ assunto pareça algo próximo da realidade e utilizando uma linguagem próxima deles. Incentivar e inspirar suas percepções, valorizar o ponto de vista do visitante sem impor a opinião do educador/ mediador como uma verdade absoluta. E “deixar claro que a obra de arte é um material aberto a interpretações”. Acredito em contrapartida que, mesmo que se tenha a preocupação em aproximar a linguagem para que público a compreenda, mesmo assim é importante utilizarmos termos e denominações próprios da arte, enfatizando que sua significação pode ser útil a construção de repertório dos sujeitos. Dessa maneira, o público somatiza a linguagem e os significados específicos.

A entrevistada K. respondeu a esta pergunta tratando sobre as particularidades de cada grupo, afirmando que:

Geralmente começa com uma pergunta, proposta por mim ou mesmo pelos visitantes, assim são colocados novos questionamentos e todos se sentem livres para interferir ou contribuir no pensamento exposto pelo outro. Prezo que todos sintam-se a vontade para exporem o que pensam e/ou sentem diante da obra, do local (o museu, muitas vezes colocado como um local de superioridade) e a partir daí as discussões vão surgindo.

Cada grupo tem uma característica específica, se impressiona ou considera relevante diferentes aspectos, por isso é importante deixar que eles falem, e a partir daí problematizar (K., entrevista em 29/11/2008).

Segundo ela cada um apresenta interesses, relações e concepções diversas acerca de determinada obra, por isso salientou a importância de deixar que eles façam suas colocações e indagações para a partir daí iniciar o processo de mediação. Ela ainda explicou que em geral a problematização começa com uma pergunta, proposta por ela ou pelos próprios visitantes. Ela enfatiza a importância de deixar os espectadores à vontade para interferir e contribuir no diálogo à medida que os novos questionamentos surgem. Dar liberdade para que todos possam intervir nas falas uns dos outros.

Acredito que a fala da entrevistada J. complementa o enredo de mediação ao qual K. discorreu sobre. Enquanto uma sustentou em sua resposta como ocorre o processo de mediação, a segunda trata sobre o que deve ser questionado e

debatido durante o processo. Uma explica como mediar e a outra expõe sobre o que deve ser indagado e refletido. Segundo resposta de J. para a pergunta:

A contextualização da obra, como e quando foi criada pelo artista, é de relevância, pois traz elementos que acrescentam na leitura da mesma. O aprendiz precisa ser estimulado a pensar na obra em questão. Criando associações com o universo dos aprendizes a leitura se torna mais fácil e prazerosa. “Apreender” e “compreender” também podem ser lúdicos (J., entrevista em 1/10/2008).

J. explica que aspectos como a “contextualização da obra, como e quando foi criada pelo artista, é de relevância, pois traz elementos que acrescentam na leitura da mesma”. Estimular o aprendiz a pensar sobre a obra, bem como incentivar a criação de associações. Defende ainda que o processo de “apreender” e “compreender” também podem ser realizados por meio de atividades lúdicas, o que acredito será mais prazeroso.

Valorizar o conhecimento prévio que o público/ grupo de estudantes possui é importante inclusive para dar rumos ao diálogo de mediação. Saber por onde começar, que caminhos trilhar, que abordagens utilizar ou não. Enfim, conhecer o grupo com que se pretende trabalhar. Tal como afirma L.:

Quando trabalhei com estudantes ou mesmo com público espontâneo, meu sistema de mediação era sempre trabalhar com o conhecimento prévio do público. E, segundo a faixa etária do mesmo.

[...] Conforme a faixa etária das crianças, o trabalho e a linguagem utilizados eram diferentes. Se fossem crianças de educação infantil/ básica, era muito agradável, pois a imaginação e a curiosidade delas é que nos guiavam pela exposição. Com estudantes de educação fundamental o nível da linguagem empregada e a fixação de certos pontos e elementos das obras, assim como dos autores eram mais exploradas. Já com acadêmicos e as faixas de público espontâneo tínhamos o cuidado de adequar o linguajar e o foco, pois as faculdades eram de diversas áreas e os nichos de público tinham interesse diverso, desde uma rápida visita até ver só uma ou outra obra. [...] Cabia a nós mediadores, dar enfoques novos e diferenciados das obras, para que nada ficasse repetitivo e desinteressante para os visitantes, principalmente, das crianças que vinham de escolas afastadas da capital. Era a única oportunidade de saída da realidade que eles tinham. [...] Iniciar as visitas com a contextualização/ história da cidade de Porto Alegre, do centro e dos prédios históricos era uma forma de trazê-las mais para perto do mediador e colocá-los mais perto das obras também, pois, querendo ou não elas estavam situadas num espaço e abordavam temas não muito longe da realidade delas.

E, principalmente, explorar muito a criatividade e imaginação deles. Pois, aí todo o domínio de conteúdo fica mais fácil de ser problematizado. Algumas vezes, qualquer elemento estranho a obra, como o piso ou as figuras nas paredes do Margs, viraram pontos de referência e eram encadeadores das mediações, que se misturavam com as obras (L, entrevista em 13/11/2008).

A imaginação e a curiosidade das crianças guiavam o percurso dos mediadores pela exposição. Compreendo que assim o interesse das crianças foi

levado em consideração, e creio que o mesmo deveria ocorrer também na escola, pois isto pode fazer com que uma proposta de ensino aprendizagem torne-se mais instigante em qualquer disciplina do currículo escolar a partir do momento em que a curiosidade, os anseios, as dúvidas e a imaginação dos estudantes for considerada pelos educadores em seus planejamentos.

3.2.3 Questão 3: as indagações em um processo de mediação

Dando continuidade à questão número 2 a pergunta de número 3 interroga sobre que indagações são importantes durante um processo de mediação. E novamente surgem respostas enfatizando a importância de valorizar o contexto cultural dos aprendizes, inclusive com a possibilidade de criar *link's* com a obra e a própria exposição. Segundo a entrevistada J. afirmou em sua resposta: principalmente sobre o contexto cultural do aprendiz, e a partir daí a criação de um "link" com a obra/ mostra de arte (J., entrevista em 1/10/2008).

A entrevistada L. explica tendo como suporte sua experiência como mediadora e de que forma procedia durante o desenvolvimento de uma mediação:

Bom, indagações são sempre interessantes e sempre bem-vindas. Pois, na maioria dos casos são as dúvidas que começam as mediações. Por que isso? Como ele fez aquilo? E, por aí, vai. Pegando as dúvidas podemos criar os roteiros de visitas, criamos expectativas e vamos deixando que o próprio visitante descubra a resposta de sua pergunta. Eu costumava fazer do meu trabalho algo como o Sherlock Holmes, que desafiava seu parceiro Watson com indagações que o levassem a refletir sobre o caso, o real. No nosso caso, o real é a própria obra e todo o contexto por trás dela.

Responder ou desenvolver as indagações das crianças é o momento mais bacana. Elas são extremamente questionadoras e não se satisfazem com qualquer resposta simplória. Suas questões vêm sempre da fertilidade de suas imaginações. E são essas as mais interessantes de se trabalhar, pois um simples "porque ele riscou todo o quadro de azul?" já nos dá uma série de elementos para serem desenvolvidos e trabalhados durante as mediações (L., entrevista em 13/11/2008).

Desta maneira tendo como base dúvidas do tipo: "Por que isso?" e "Como ele fez aquilo?" é possível criar roteiros de visitas, criar expectativas e deixar que o próprio visitante descubra a resposta de sua pergunta. Ela ainda cita Sherlock Holmes, "que desafiava seu parceiro Watson com indagações que o levassem a refletir sobre o caso, o real. No nosso caso, o real é a própria obra e todo o contexto

por trás dela”. Julgo essa colocação muito interessante, e exemplifica em termos o objetivo de um processo de mediação, fazer com que o público/ educandos faça reflexões, socialize e descubra as respostas para as indagações por meio de seus próprios esforços, assim eles aprenderão a falar sobre arte, pois, acabarão se apropriando de determinados conhecimentos. Como afirma Teresinha Sueli Franz (2001, p.54) o que esse público mais quer e precisa, é aprender a falar da arte, emitir suas opiniões e julgamentos, criar repertório próprio, interagindo com o arte educador que vai apenas orientar essa fala, essa experiência, tornando-a mais rica, mais complexa e coerente.

“O que você percebe?”, “O que te parece?”, “Que sensações essas cores te transmitem?”, “E esses materiais que sensações te despertam?”, “Com o que podemos relacionar essa obra na nossa atualidade?” Esses foram os questionamentos que a entrevistada T. citou para exemplificar a indagação como método de trabalho, tal como Fernando Hernández. Acredito que essas sejam algumas indagações que demandem respostas de alto nível. Perguntas que verdadeiramente facilitem atos de compreensão, pois rompem com o óbvio, vão além do simples visível, buscam ler as entrelinhas da arte, conduzem o olhar para aquilo que esta por de trás da obra.

Tal como Mirian Celeste Martins afirma no livro *A Língua do Mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte* acredito que uma boa mediação contribui de forma que:

É como se cada pessoa fosse gerando um “repertório” individual, um conjunto de valores, conceitos, idéias, sentimentos e emoções que vão tecendo uma rede de significações para si. Nessa rede, mesmo sem se dar conta, estão os fios da filosofia, ética, estética, ideologia, política e cultura presentes na pessoa e no grupo ao qual pertence (MARTINS, 1998, p.21).

Denoto que a citação acima explicita de forma ideal a intenção que motivou a realização da pesquisa. As mediadoras que participaram do projeto vieram a contribuir para o processo de construção da proposta de ensino aprendizagem que venho sugerir com a monografia. Elas salientaram o quão importante é a mediação como recurso de ensino aprendizagem na escola, ainda que este não ocorra da mesma forma como nas instituições culturais. Outro aspecto salientado por elas é o fato de os questionamentos responsáveis por problematizar e instigar a reflexão do conhecimento ter como ponto de partida o próprio contexto do educando.

3.2.4 Questão 4: a mediação no contexto escolar é possível?

Com relação às entrevistas a questão que salientei como a de maior relevância para a pesquisa foi a de número 4 a qual perguntei se enquanto educador no contexto escolar as entrevistadas consideravam possível fazer uso do processo de mediação nas aulas de Arte, no trabalho com vídeos, reproduções de obras entre outros meios? Em geral todas afirmaram que é possível, bem como compreendem o educador como um mediador, mediador entre dois mundos, o da arte e dos aprendizes, ou ainda, entre conteúdo e ensino. O educador funciona como uma espécie de ponte. Crêem, porém que há a necessidade de planejamento para as aulas. Uma das entrevistadas mencionou a necessidade de projetos.

A entrevistada J. trata especificamente da troca de informações durante o diálogo quando afirma que são inúmeras, infinitas as trocas quando o educador assume o papel de mediador em sala de aula, na afirmação a seguir em resposta ao questionamento:

Sim. Acredito que o educador nada mais é que um “Mediador”, entre dois mundos: o da Arte e o dos aprendizes. As possibilidades de trocas são infinitas quando o educador assume a posição de Mediador, ou seja, sai do pedestal institucionalizado pelo sistema educacional brasileiro e abre-se a novas propostas de educação, onde o educador e aprendiz participam de forma democrática do processo de entendimento (J., entrevista em 1/10/2008).

A entrevistada vem confirmar as afirmações defendidas por Mirian Celeste Martins e Fernando Hernández com relação à socialização de idéias e a troca de informações e experiências. Essa mesma entrevistada trata sobre a crença da epistemologia interacionista quando afirma que o educador deixa de ser professor e abre-se a possibilidade de construir junto com seus educandos, que agora deixam de ser alunos. O educador “sai do pedestal institucionalizado pelo sistema educacional brasileiro e abre-se a novas propostas de educação, onde o educador e aprendiz participam de forma democrática do processo de entendimento”. Aborda a democratização no processo de ensino – aprendizagem.

Sobre o papel do mediador enquanto educador do olhar a entrevistada T. afirmou:

Sim, acredito que mediador é um meio de fazer as pessoas aprenderem a olhar com mais atenção as imagens, sensações, coisas que desaprendemos a enxergar pela velocidade do nosso dia-a-dia. Então educar o olhar de um aprendiz é válido em qualquer meio visual (T., entrevista em 13/11/2008).

Sendo assim se compreende o mediador como alguém que ensina formas de olhar, olhar com mais atenção, prestar atenção nas sensações. Reaprender a olhar aquilo que nos esquecemos de enxergar porque a pressa e a praticidade da sociedade contemporânea não nos permite mais esse tipo de deleite. Não há tempo de parar, olhar com atenção, admirar, filosofar sobre as coisas que vemos. O mediador/ educador como alguém que oportuniza que seus educandos “exercitem a capacidade de ver e pensar”.

Uma das mediadoras trata sobre os recursos a serem utilizados para tal fim quando afirma que “nas aulas de artes, quanto mais opções de disponibilizar e apresentar o conteúdo o professor tiver, mais interessantes e construtivas serão as aulas”. A intenção dela foi salientar a importância de despertar o interesse dos educandos, seja através da arte ou da cultura por meio de diversos materiais e suportes.

Ao refletir sobre os recursos e materiais utilizados e conforme o dado apontado pela entrevista recorda-me de Maria Heloísa Ferraz quando afirma que:

[...] deve-se possibilitar aos alunos o maior número de contatos e descobertas. Se pretendemos que os estudantes encontrem suas expressões próprias, devemos ficar atentos para que o convívio com os materiais se faça de forma diversificada (FERRAZ, 1999, p.113).

Assim como a autora acredito que os arte educadores contemporâneos devem proporcionar aos seus educandos não somente o convívio com materiais de fazer artístico, mas também, livros específicos sobre o assunto. Livros estes que trazem imagens que por si, se expressam, se comunicam com o espectador. Então porque deixar essas imagens fechadas e caladas dentro de um livro esquecido em casa, se elas podem instigar o educando a buscar e construir seu conhecimento e o gosto pela Arte? Porque deixar guardado em casa o catálogo das exposições que visitamos? Se esse talvez seja o contato, o material que falta no dia a dia do ambiente escolar, já que esse é um livro, mas um livro muito diferente de um livro didático.

Ainda segundo Ferraz, as discussões e análises sobre imagens, objetos e suas histórias podem estender-se a todas as outras formas de expressão, tais como:

filmes, programas televisivos, videográficos, música, dança, teatro (1999, p. 114). A partir destes recursos já é possível realizarmos processos de mediação significativos e criativos tais como os mediadores que observei. Não esquecendo também que as análises e leituras de imagem em torno de reproduções de pinturas clássicas e esculturas não satisfazem mais. Creio que mesmo o arte educador em sala de aula pode e deve se adaptar a realidade e aos suportes utilizados na Arte Contemporânea, pois, atualmente encontramos, vídeos, fotografias, performances e até videoclipes nos museus, então porque não media-los também no âmbito escolar? Denotou-se que já existe um movimento por parte dos profissionais da educação que lecionam Arte, as entrevistadas apontam para a arte educação escolar com educadores mediadores.

Ainda com relação à questão de número 4 a entrevistada K. respondeu:

Com certeza. A aula de artes deve ser uma mediação constante. É uma ótima oportunidade para o professor fazer com que os alunos exercitem sua capacidade de ver e pensar, já que, nesse mundo onde tudo é prático e imediato, muitas vezes esquecemos que ainda podemos refletir sobre as coisas e esperamos tudo pronto e explicado. Usar as aulas de artes para esse tipo de exercício é excelente (K., entrevista em 29/11/2008).

A entrevistada L. trouxe para discussão a importância bem como a necessidade de projetos e planejamento não somente na aula de Arte. Ainda na mesma resposta ela volta à discussão dos recursos a serem utilizados nas aulas. Segundo sua resposta:

Sim. Quando trabalha com pessoas, já se faz mediação. Uma secretária media o paciente e o médico, a professora, o aluno e o conteúdo, e assim por diante. Então, porque essa prática não chega às escolas, não chega às aulas de artes?

Considero que faltam projetos. Mão- de - obra e material há. O que falta é um planejamento mais qualificado ou mais dinâmico para as aulas, sejam elas de artes ou de matemática.

Planejar bem uma aula é mediar também. O professor será a ponte entre o conteúdo-ensino e o aluno-aprendizagem. Nas aulas de artes, quanto mais opções de disponibilizar e apresentar o conteúdo o professor tiver, mais interessantes e construtivas serão as aulas. Trabalhar com vídeos, reproduções de obras de artes, etc., só vão contribuir para o bom andamento das aulas e para despertar o interesse dos alunos, seja pela arte, ou pela cultura como um todo (L., entrevista em 13/11/2008).

Em sua afirmação ela salienta um aspecto significativo do estudo referente à relação existente entre mediação e ensino aprendizagem quando aborda a necessidade de planejamento qualificado não somente nas aulas de Arte, mas também nas de Matemática. Ainda no decorrer da pesquisa será possível compreender de forma prática como é possível essa associação em sala de aula da

mediação como suporte para o processo de ensino aprendizagem. No exemplo que umas das entrevistadas aborda no que tange a resposta da questão a seguir, ela exemplifica como trabalhava nas aulas de História que ela ministrava tendo como base a metodologia da mediação.

Com relação à viabilidade na utilização do processo de mediação em outras disciplinas escolares outras duas mediadoras se mostram favoráveis. A primeira afirma que: “acredito firmemente que isso é viável e muito cabível em nosso contexto escolar. Não só as aulas de artes, mas todas as disciplinas têm a possibilidade de usar a mediação em sala de aula” (K.) e a segunda “considero que faltam projetos. Mão-de-obra e material há. O que falta é um planejamento mais qualificado ou mais dinâmico para as aulas, sejam elas de artes ou de matemática” (L.). A segunda afirma ainda que as artes disponibilizam meios pedagógicos excelentes, que auxiliam tanto no processo de inclusão, quanto no de criação e podem atuar de forma a contribuir para a interdisciplinaridade com outras áreas.

As respostas das questões se entrecruzam a todo instante e por vezes a resposta de uma pergunta complementa o sentido e a resposta de outro. Isto acredito torna o estudo interessante, pois, os questionamentos não exigem respostas encerradas e completas, sendo possível travar um diálogo por meio das diversas afirmações que as entrevistadas trouxeram a discussão.

3.2.5 Questão 5: a mediação do conhecimento no âmbito escolar

No quinto e último questionamento interroguei como elas fariam uso do seu repertório de mediação (metodologias) em um ambiente de sala de aula e pedi para que elas exemplificassem. A entrevistada K. respondeu da seguinte maneira:

Ainda não tenho uma experiência em sala de aula, mas acredito firmemente que isso é viável e muito cabível em nosso contexto escolar. Não só as aulas de artes, mas todas as disciplinas têm a possibilidade de usar a mediação em sala de aula.

Por exemplo, inicia-se um conteúdo novo. Antes de “descarregar” tudo sobre ele é importante questionar os alunos, estabelecer relações, deixar que eles falem e dar contribuições. Trazer alguns aspectos que os instigue a pensar sobre o conteúdo exposto e se interessar por ele.

No caso das artes, acredito que isso se torna de certa maneira mais simples. Podemos usufruir das diferentes formas de arte (imagens, vídeos, performances, intervenção...) que por si só já se encarregam de sensibilizar, ou gerar certa curiosidade. É fundamental captar o que neles chamou atenção e então incitar novos questionamentos, e usá-los como ponto de partida para explicar novos conteúdos (K., entrevista em 29/11/2008).

Em sua experiência como educadora no âmbito escolar L. afirmou ter feito opção por aulas baseadas no diálogo. O livro foi abolido e considerando que sua formação é em História o conteúdo explorado durante a prática é referente à Grécia e Roma. Trabalhou aspectos que abrangem desde a literatura até a guerra, abordando ainda a política, a economia e a cultura de tais civilizações. O relato dela foi de relevância para a pesquisa, pois, apontou para um caminho que inicialmente não havia sido pensado e planejado, a utilização da mediação como método de ensino nas aulas de outras disciplinas que não a Arte. Apontou para a possibilidade de mediar outros conteúdos ministrados pela escola.

A entrevistada L. explicou como procedeu nas aulas de História utilizando sua experiência de mediadora, respondendo a questão de número 5 da seguinte forma:

[...] optei por aulas dialogadas e expositivas. Livro foi abolido. Estudamos Grécia e Roma. Desde a literatura até a guerra. Primeiro passo foi o questionamento do nosso momento atual. Uma sondagem para ver como anda ação deles sobre o país e o mundo hoje. Para que as aulas não ficassem só em leituras, fomos atrás das obras (pinturas, esculturas) dos artistas greco-romanos para fazermos comparativos com as obras de hoje. Isso foi aplicado nas partes da literatura, da política, da economia e da cultura daquelas civilizações e suas diferenças com hoje.

Ou seja, eu, a professora, era a intermediária entre o mundo antigo e o atual. Atuei como uma mediadora entre as indagações deles sobre o hoje e o ontem. Além, de proporcionar espaços para debate e confrontos ideológicos entre os alunos. Uma ponte entre o pensar e o agir. Assim, como desenvolvido quando era mediadora.

Fora isso, há o fato das artes serem excelentes meios pedagógicos, tanto de inclusão, quanto de criação e atuam de forma interdisciplinar com outras matérias. [...] Na Bienal, usamos a transdisciplinaridade: algumas vezes, saímos das Artes e fomos buscar na História as respostas das indagações (L., entrevista em 13/11/2008).

Inicialmente L. questionou o grupo sobre a atualidade, realizando com isso uma espécie de sondagem para identificar em que nível estava a ação deles sobre o país e o sobre o mundo de hoje, acredito que este seja um momento similar ao que as demais mediadoras apontaram como o momento do acolhimento no museu. Para que as aulas não se restringissem somente em leituras, realizaram uma busca por obras dos artistas greco-romanos para então realizarem um comparativo, e diferenciação com as obras da atualidade. Ela compreendeu seu papel e procurou agir como uma intermediária entre o mundo antigo e o atual, como uma mediadora

entre as indagações dos educandos sobre o hoje e o ontem, como ela afirma “uma ponte entre o pensar e o agir”, para isso disponibilizou espaços para o debate e confrontos ideológicos entre os educandos. Acredito que o processo de mediação tenha funcionado de forma satisfatória na aula de História que ela ministrou. Seria talvez interessante acrescentar a essa proposta a utilização de filmes.

Retornando ao questionamento de número cinco a entrevistada T. explica como procede a sua mediação em sala de aula da seguinte maneira:

Na verdade, sempre que uso imagens em sala de aula, antes de dizer qualquer coisa da obra e do artista, procuro instigar a percepção dos aprendizes. De forma que faço eles fazerem sua leitura de imagem verbal ou em alguns casos até mesmo por escrito, sempre deixando claro que toda a percepção está correta, que a interpretação está nos olhos de quem vê (T., entrevista em 13/11/2008).

A entrevistada afirma que em suas aulas sempre que há a utilização de imagens, antes falar sobre a obra e o artista, ela procura instigar a percepção dos aprendizes, solicitando que eles façam sua leitura de imagem, sempre deixando claro que toda a percepção está correta, e a interpretação está nos olhos de quem vê. Esta uma prática de mediação que tal como ocorre nos museus através da resposta de T. apresenta-se viável também na escola da mesma forma como já ocorre no âmbito nas exposições. O relato da entrevistada foi observado inclusive nas observações que realizei nas exposições que visitei no segundo semestre de 2008, os mediadores dos centros culturais iniciam sua prática de mediação da mesma forma como ela relata em sua resposta.

Por sua vez J. salienta um aspecto importante ao afirmar que os meios disponíveis para mediar, não precisam necessariamente ser reproduções de obras, multimídia, entre outros já citados.

Os meios disponíveis para mediar, não precisam necessariamente ser de reproduções de obras, multimídia, etc. Imagens estão por todos os lados, no entorno da escola, na carteira de identidade, no percurso de casa à escola, é só ter sensibilidade para aguçar o “olhar” do aprendiz para “ver” a Arte que está em seu cotidiano (J., entrevista em 1/10/2008).

Ela abre a possibilidade do uso de imagens que se encontram no cotidiano dos aprendizes e que estão presentes nas ruas. Como ela própria afirma “imagens estão por todos os lados, no entorno da escola, na carteira de identidade, no percurso de casa à escola, é só ter sensibilidade para aguçar o “olhar” do aprendiz para “ver” a Arte que está em seu cotidiano”.

Retornando ainda a afirmação da entrevistada K. onde ela explica que quando inicia um conteúdo novo antes de “descarregar” toda informação sobre os aprendizes é importante questioná-los a respeito, estabelecer relações, permitir que eles falem e dêem suas contribuições, compreendo que se faz necessário salientar importância de procura trazer alguns aspectos que os instigue a pensar sobre o conteúdo para que assim eles se sintam motivados e interessados. Segundo ela “É fundamental captar o que neles chamou atenção e então incitar novos questionamentos, e usá-los como ponto de partida para explicar novos conteúdos”.

Segundo afirma Cumming (1996 apud FRANZ, 2001, p.53):

Olhar uma pintura é como partir para uma viagem – uma viagem com muitas possibilidades, incluindo o entusiasmo de compartilhar a visão de uma outra época. Como em qualquer viagem, quanto melhor a preparação, mais gratificante será a expedição. A melhor maneira de viajar é com um guia que o ajude enquanto você se familiariza com o novo ambiente, e que lhe mostre coisas que do contrário passariam despercebidas.

A afirmação acima explicita de forma um tanto poética um dos objetivos principais de um processo de mediação que é o de conhecer, apreender e compartilhar o olhar e a visão de outra época. Uma leitura de imagem significativa permite viajar no tempo e na história, permite percorrer um caminho semelhante à de uma expedição. Proporcionar esse prazer, essa viagem depende de quem guiar o grupo de expedição e nesse caso, um professor não o faria de forma tão eficaz quanto um educador mediador o seria capaz de proporcionar a seus expedicionários.

3.3 DIÁRIO DE CAMPO: AS OBSERVAÇÕES

Outro recurso para a obtenção de informações necessárias a pesquisa foi a observação de outros mediadores em exercício nos museus. Durante as observações constatei diversas práticas de mediação em ambas as exposições visitadas. Acredito que em parte os mediadores procuraram ser flexíveis e adaptaram-se ao contexto dos grupos de visitantes que receberam em seus espaços expositivos.

Na exposição *Pedro Weingärtner: Obra gráfica* no MARGS encontrei três mediadoras em treinamento. Estavam em sua primeira experiência de mediação, sendo assim apresentaram certa insegurança e de um modo geral procuraram uma mediação de caráter informativo que tratava especificamente da técnica do artista e de sua trajetória profissional. Esta foi uma mediação interessante, pois, passei a conhecer melhor a obra do artista e ao final foi possível estabelecer um diálogo com as três mediadoras. Nessa conversa informal elas me relataram as mediações que haviam realizado até aquele momento e tendo conhecimento da minha experiência como mediadora em duas Bienais elas solicitaram alguns esclarecimentos de ordem prática.

Foi produtivo, pois se abriu a oportunidade para a troca de experiências e vivências. As mediadoras alegaram que não possuíam experiência profissional suficiente para participar da entrevista, porém, contribuíram com suas reflexões e relatos de suas experiências.

Já na exposição *Transfer* no Santander Cultural acompanhei a mediação de um grupo de crianças juntamente com um dos mediadores da instituição. O grupo não estava acompanhado por educadores, mas sim por tutores. A mediação ocorreu com base nas falas que os jovens traziam para o diálogo. O mediador procurou manter uma conversa amigável, com base nas informações que faziam parte da vivência das crianças. As pranchas de *skate* expostas na parede despertaram a atenção do grupo, e o mediador prontamente instaurou um diálogo com base nas afirmações e indagações que as crianças trouxeram. Os desenhos e os efeitos da pintura sobre as figuras desenhadas nas pranchas foram a base das indagações para aquele momento da mediação. *Qual o skate que mais chamou atenção de vocês? E por quê? Qual a intenção do artista quando desenhou essa imagem no skate? O que ele quis dizer quando pintou essas figuras com essas cores? Será que outra figura ficaria legal nesse mesmo skate? Por que ele não pintou paisagens nesses skates?* Essas foram algumas das indagações abordadas pelo mediador durante o diálogo, e por vezes as crianças pareciam intrigadas observando as peças expostas na parede com o intuito de encontrar as respostas para aquelas perguntas.

Outro aspecto relevante nessa exposição e que seguidamente suscitava o diálogo eram os grafites expostos nas imensas colunatas da área central do prédio bem como as apresentações de *skatistas* nas rampas do hall principal. A

performance atraía a atenção do público, que diversas vezes afirmava que nos parques da cidade não há rampas como aquelas para a prática do *skate*. Estes eram alguns pontos cruciais e produtivos nas mediações acompanhadas nessa exposição. O público se sentiu próximo e instigado a refletir sobre as obras expostas naquele local porque acredito que ao trazer a cultura e a arte urbana para dentro do museu, a curadoria conseguiu ainda que despretensiosamente aproximar o público, em especial o público jovem da arte contemporânea.

Em visitação a exposição *Arte e Memória: Anos rebeldes* no Museu da UFRGS observei nos dias em que visitei o local que o público era de estudantes universitários, pesquisadores e interessados em arte. Desta forma, percebi também que as mediações tinham caráter informativo. Os mediadores faziam o percurso pela exposição abordando a técnica empregada pelos artistas, e o contexto histórico do período. Os visitantes perguntavam com o intuito de esclarecimento de dúvidas. Em alguns momentos havia a troca de informações entre mediador e espectador, o diálogo era com base na troca de experiências e informações entre os dois interlocutores daquele diálogo. Foi interessante porque por vezes os espectadores vivenciaram os fatos históricos do período em questão, e desta forma, a mediação sofria uma inversão de papéis, o espectador passava a ser o informante, e o mediador ouvia a tudo de forma atenta, afinal, um mediador esta sempre acrescentando ao seu repertório experiências e vivências trazidas pelos mediados.

Já exposição *A Primeira Missa no Brasil: O renascimento de uma pintura* no MARGS observei uma mediação diferente das demais. Observei o trabalho de um mediador que procurava estabelecer uma relação cordial e bem amigável com os grupos de estudantes. Observei uma mediação em que as crianças sentaram-se no chão para que assim ficassem mais a vontade para a observação da pintura de Victor Meirelles. A base da mediação era similar a mediação apresentada pelo mediador do Santander Cultural, diálogos suscitados em torno de questionamentos e informações que as crianças traziam. Porém, percebi que nesta exposição como havia uma série de informações de caráter histórico e artístico o mediador procurava instigá-las a observar a obra com atenção para que das respostas que surgissem o diálogo fosse possível. Quando as falas das crianças já tinham sido todas comentadas durante a conversa, o mediador então explanava sobre a obra ou sobre os significados da obra e a intenção do artista de forma bem simples buscando

sempre utilizar uma linguagem a qual as crianças compreendessem. Observou-se ainda o deslumbramento das crianças com relação às dimensões da obra, a perfeição nos desenhos do artista que também estavam expostos, a pintura e seus efeitos, algumas crianças disseram que “o quadro parece uma foto gigante de tão perfeito que é!”.

Sendo assim é possível conceber que o mediador é o educador atuante em instituições culturais, pois, pude observar durante as observações que realizei nas exposições que esses profissionais se adaptam a diversidade do público ao qual atendem da mesma forma como os educadores o deveriam fazer na escola. Lidar com a diversidade significa flexibilidade e criatividade.

Flexibilidade porque encontrei mediadores adaptando a linguagem do discurso para que grupos específicos de visitantes conseguissem compreender e sentirem-se convidados e confortáveis durante o diálogo de mediação.

Criatividade porque encontrei mediadores criativos que lançavam mão de estratégias das mais diversas a fim de mudar o rumo de uma mediação que a princípio havia se mostrado fracassada. Presenciei um grupo de crianças em torno dos 6, 7 anos de idade que debateu, construiu e aprendeu um pouco mais sobre arte contemporânea brincando e jogando dentro do espaço expositivo juntamente com o mediador que os acompanhavam.

Observei naquele grupo um verdadeiro processo de ensino – aprendizagem em arte, por meio de uma mediação que foi além de falar de arte, aquele grupo se apropriou da experiência que estavam vivenciando, tomaram para si “as coisas novas que o tio mostrou” e com isso as crianças realmente fruíram a arte.

Outro aspecto que julgo importante foi uma conversa informal que tive com um dos mediadores observados. Em determinado ponto da nossa conversa ele me relatou sua experiência enquanto arte educador em sala de aula, em um período curto de tempo, acredito ser referente ao estágio de conclusão de graduação. A pessoa relatou que realizar uma mediação na aula de Artes é um processo muito rico. Ele observou que cada educando que se manifestava na conversa, havia se apropriado das idéias dos demais colegas para construir sua própria opinião e conseqüente discurso durante o diálogo de mediação. Ao final, quando a última criança falou foi possível denotar que ela havia construído sua fala com base nas

informações e opiniões que os demais colegas trouxeram para o debate. A criança apropriou-se das falas, expressões e idéias dos demais. Através daquela criança foi possível saber o quanto o diálogo de mediação foi produtivo para aquele grupo. Este relato acredito que tenha contribuído para a pesquisa e complementou tudo o que foi dito nas entrevistas e observado nos museus.

3.4 REFLETINDO SOBRE AS CONSTATAÇÕES NOS MUSEUS

Um aspecto denotado durante a pesquisa de campo foi a diversidade e flexibilidade na prática profissional dos mediadores, ou seja, eles adequam as mediações de acordo com o público de espectadores.

As entrevistas foram um fator primordial na realização dos estudos, porém, as observações nos museus trouxeram a tona aspectos relacionados à mediação que não foram identificados nas entrevistas, talvez porque o foco dos questionamentos tenham em parte direcionado as respostas das entrevistadas.

Um exemplo claro dessa afirmação foi a mediação de caráter informativo e técnico que presenciei na exposição *Arte e Memória: Anos rebeldes*. Nas entrevistas as mediadoras não citaram metodologias compatíveis com esse tipo de mediação. Deixo claro, que não estou desqualificando esse tipo de metodologia, até mesmo porque devemos admitir que o público que os museus atendem é um público diferente daquele que a escola abrange e desta forma as necessidades de ambos os grupos são divergentes. Tal como afirma Teresinha Sueli Franz (2001, p.47) o papel do museu não é desenvolver ações em massa, como é o caso da escola, sendo assim é possível, e até mesmo necessário aos museus oferecer esse tipo de atendimento ao público tão diversificado que os freqüentam.

Acredito, porém, que mesmo a escola desenvolvendo ações em massa pode e deve qualificar seu ensino no que tange as questões referentes à arte, pois, ainda que o público seja em geral crianças e adolescentes na faixa etária dos 6 aos 17 anos a diversidade entre esse grupo especificamente é muito grande. Partindo do

que já havia sido dito anteriormente o educador deve ter em conta na mediação, na prática em sala de aula a bagagem que os estudantes trazem consigo. Atender as necessidades, debater e refletir sobre as diferentes tribos que convivem no ambiente escolar, e porque não o fazer por meio da arte, com o uso de imagens, reproduções, vídeos, projeções, esculturas?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fazer uso dos métodos de mediação a fim de que se consiga um processo de ensino e aprendizagem eficazes no âmbito escolar, em especial nas aulas de Arte? Essa foi a questão que me motivou a buscar não as únicas, mas talvez as possíveis respostas, ou melhor, sugestões, para auxiliar o trabalho de arte educadores em sala de aula.

Durante a minha experiência como mediadora na 4ª e 5ª Bienal do Mercosul deparei-me com situações diversas, porém, destaco a mais significativa e talvez crucial, por que a partir dela surgiram minhas dúvidas e a motivação que propiciou a realização desta pesquisa.

Enquanto mediadora da Bienal uma prática freqüente em meu trabalho eram as horas dedicadas à leitura e estudo de textos referentes ao contexto das obras, dos artistas e ainda conceitos pedagógicos para abordagem de público em relação à Arte. Com isso, ingenuamente, era possível estar apta para realizar uma mediação tendo respostas para as dúvidas que surgiriam durante o percurso de visitação das obras.

Utilizo o termo ingenuamente, porque acredito que por estar no início da minha carreira profissional de arte educadora e mediadora, lembro-me bem que a falta de experiência na área causava-me insegurança, e na época sem me preocupar a fundo com as questões educacionais que envolviam a exposição acreditava que para estar apta ao trabalho era preciso conhecer o máximo de informações possíveis, para com isso não deixar o público visitante sem respostas para todas as suas perguntas.

Minha concepção de arte educação no âmbito das instituições culturais transformou-se a partir do dia em que percebi que o público, em especial os estudantes por vezes traziam questionamentos e percepções das obras que nem mesmo eu enquanto mediadora “super informada” não havia me dado conta. Questionei-me diversas vezes durante minha prática de mediação se eu havia “provocado” a percepção de determinado visitante.

A pesquisa apontou a importância das instituições culturais também como espaços de formação, além da escola que tradicionalmente já é reconhecida de tal forma. Alias este era um dos objetivos implícitos da pesquisa uma vez que objetivou apontar sugestões de metodologias de mediadores para educadores, de instituições culturais para escolas. Saliento que não desconsidero que os projetos de ação educativa dos museus apresentam carências, porém, compreendem e se utilizam bem das práticas de mediação, uma vez que esse é o principal instrumento de trabalho dos mediadores.

Sendo assim acredito que por esse motivo, analisar e refletir sobre Arte dentro de um museu em meio a uma exposição deva ser bem mais prazeroso do que passar por esse mesmo processo em um ambiente escolar. Uma vez que esse além de não apresentar as obras de arte em si, mas somente suas reproduções, permanece atrelado a um sistema educacional ainda nos moldes tradicionais onde a leitura e estudo dessas imagens se realiza em larga escala por meio de simples questionários de respostas óbvias e curtas que os estudantes o fazem nas aulas de Arte. Sem o diálogo entre educador e educando, sem a problematização dessas obras por meio de indagações instigantes, não há a troca de informações, não existe a construção de conhecimento seja ele coletivo ou não.

A leitura de imagem nas aulas de Artes ainda nos dias de hoje ocorre de forma rígida, seguindo o modelo tradicional de ensino. O educando olha a reprodução, responde as perguntas individualmente e as entrega para serem avaliadas. As respostas são classificadas como corretas ou então como incorretas. Segundo afirma Teresinha Sueli Franz (2001, p.50), embora a leitura da obra de arte esteja sendo enfatizada atualmente pela educação escolar, essa é sem dúvida a grande lacuna na formação do arte educador. Os cursos de graduação responsáveis pela formação de arte educadores tratam quase que exclusivamente do ensino da arte no âmbito escolar, e de forma específica tratam a leitura e releitura de imagem como principal modo de apreensão da arte. Acredito ser relevante para a formação desses profissionais compreender a arte educação como um campo amplo, que extrapola os limites da escola. Por esse motivo propus este estudo, a fim de pensar em maneiras de qualificar o ensino de Arte na escola, por meio da troca de experiências entre os profissionais da área.

Autores como Mirian Celeste Martins, Fernando Hernández, Ana Mae Barbosa e Gisa Picosque já faziam parte do meu repertório de leitura e estudos, porém, até aquele momento eu não havia percebido a real importância das questões abordadas por esses autores. Com eles eu aprendi a instigar o público visitante, provocar percepções, porém, eu ainda não realizava reflexões acerca das respostas que emergiam no grupo de visitantes.

Determinado dia ao indagar um grupo de estudantes da 8ª série de uma escola pública da capital sobre a obra *La Carniceria* do artista argentino Antonio Berni, um dos meninos presentes naquele grupo trouxe uma percepção da obra que até então não se havia escutado em dois meses de exposição. Naquele momento, solicitei que o menino explicasse ao grupo de onde havia surgido determinado ponto de vista, ele tomou a frente do grupo e apontou na pintura os elementos que o haviam feito pensar de determinada maneira. Terminei aquela mediação satisfeita com o trabalho realizado, porém, transtornada.

A intenção aqui não é auxiliar os educandos a obter o conhecimento, ou tomar consciência de que determinado conceito existe, mas sim contribuir para que cada indivíduo construa seu próprio repertório de conceitos, conhecimentos e experiências. Considerando-se principalmente que o educador não é o detentor do conhecimento, nem mesmo dos conceitos definidos e encerrados ao diálogo. O educador não passa conhecimento aos educandos, ele auxilia os mesmos a construírem. Esse repertório construído deve fazer sentido para o próprio estudante, deve servir a seus próprios interesses e realidade. Por isso, naquele momento, fiquei satisfeita com a mediação que havia realizado com aquele grupo, aquele menino apropriou-se das percepções dos colegas, dos conceitos e construiu seu repertório, seu conceito da obra.

Assim é possível aos educadores cumprirem seu papel enquanto profissionais da educação, ou seja, formar cidadãos conscientes e críticos capazes de compreender e transformar a própria realidade social a qual se inserem. Ao arte educador cabe proporcionar encontros e atividades qualificadas capazes de despertar a capacidade de reflexão e crítica dos sujeitos em formação. A arte possui potencialidade para tal tarefa, porém, se não houver um mediador atuando como um vinculador, talvez o encontro e diálogo entre obra – público / estudante torne-se um pouco mais complexo, ou quase inexistente.

Defendo então com base em minha pesquisa e minha experiência de arte educadora o conceito de educador mediador, este profissional tem seu campo de atuação com enfoque tanto em âmbito cultural quanto educacional. Neste aspecto acredito que atualmente os educadores atuantes em escolas necessitem de aprofundamento de estudos no que diz respeito à abordagem e reflexão a cerca das imagens das obras de arte.

Uma simples leitura não instiga o aprendiz a pensar, indagar, refletir e problematizar determinada obra e seu conceito. Acredito que apesar das dificuldades, ainda sim, deve-se proporcionar aos estudantes oportunidades de contato com os meios artísticos culturais. A visita ao museu não deve ocorrer de forma rara ou esporádica, mas deve fazer parte do contexto das aulas, assim como também acredito que tal visita deve apoiar e auxiliar o trabalho em aula, e vice versa.

Vejo o educador mediador como um agente facilitador de contatos, diálogos e fruição. Não o considero indispensável e nem elevo sua importância e relevância no trabalho de arte, até mesmo porque a arte comunica e acredito que de uma forma ou de outra se faça compreender sem ao menos necessitar de intermediários. Mas acredito que as obras passam a cumprir seu papel dentro da sociedade quando bem expostas e questionadas auxiliam no processo de construção e aprimoramento do intelecto dos indivíduos, por esse motivo julgo importante o papel que cumprem os mediadores e educadores de arte atualmente.

Durante a pesquisa foi possível destacar uma série de fatores que podem auxiliar aos educadores e mediadores em como construir sua própria prática de mediação.

Primeiro, é preciso se ter conhecimento de qual, ou quem é público ao qual vamos trabalhar, pois, segundo Gabriela Aidar (2007, p. 20) [...] não existem objetivos iguais para todos os grupos, os resultados também são variáveis e dependerão de diversos fatores [...]. Ter conhecimento ainda que superficialmente da realidade social de determinado grupo e quais são seus interesses, pois, acredito assim como os autores que a mediação pode responder as expectativas e necessidades de determinado grupo. Aos educadores e mediadores cabe pensar, programar e pôr em prática ações que além de fazer sentido para o grupo de estudantes ou espectadores, tenham como ponto de partida o repertório de

experiências e conhecimentos deles. Mas o mais importante é que essas ações tenham a capacidade de instruir, motivar e mobilizar estas pessoas no intuito de que sejam capazes e tenham subsídios ainda que intelectuais para modificar e transformar a própria realidade em que se inserem.

Acredito que os educadores devem ter como um de seus objetivos o acesso qualificado aos bens culturais bem como promover ações que possam atuar como catalisadoras de transformações sociais além de desenvolver a percepção estética, fortalecimento da capacidade crítica, promover experiências que estimulem a aquisição e manejo de conhecimentos e habilidades cognitivas e experiências sejam elas estéticas ou não tal como afirma Gabriela Aidar no texto *Entre a proximidade e o estranhamento: a mediação e o público no livro Mediando [con]tatos com a arte e cultura* (2007, p.16).

Outro aspecto importante a se considerar em um processo de mediação é que os desdobramentos do estudo são muito eficazes para concluir, amarrar, enlaçar todo o conhecimento apreendido, internalizado, apropriado, fruído. Algumas instituições culturais já possibilitam atividades de oficinas com atividades práticas relacionadas ao contexto das exposições, com isso possibilita-se aos educandos uma forma de compreender tudo o que acaba de ser debatido, pois eles acabam materializando os sentidos, as sensações e os conceitos abordados durante a mediação.

De forma objetiva Franz consegue discorrer sobre aquela que seria talvez a melhor forma de mediar arte:

O papel do guia, seja ele profissional do museu ou um professor da classe, é o de mediar a observação de forma que ela seja aproveitada ao máximo. Diante de obras de arte, mais do que dar respostas, ele deve ensinar a fazer boas perguntas, a problematizar, ele deve levar o aluno a mobilizar seu próprio potencial em torno da obra apresentada (FRANZ, 2001, p.53).

Acredito que o trecho acima seja talvez a melhor maneira para definir de forma objetiva como deve ser uma boa mediação, ou seja, o educador deve ir além de apenas dar as respostas corretas ele deve instigar e ensinar seus educandos a fazer boas perguntas sobre as obras, e mais, deve instigá-los a refletir sobre seus próprios questionamentos.

Compreendo que a arte educação no âmbito escolar e no âmbito das instituições culturais deve promover ações conjuntas. Seria possível com essa

medida promover um ensino de qualidade nas escolas, bem como proporcionar a formação de público para os museus. O educador quando trabalha como um mediador em suas aulas auxilia no desenvolvimento e formação de sujeitos mais críticos, reflexivos e até certo ponto mais criativos também. Acaba por instigar e disseminar entre seus educandos o desejo, e a curiosidade de conhecer mais sobre a arte, com isto é possível que o educador se transforme em um importante agente formador de público visitante de museus e galerias de arte.

Neste aspecto concordo com a autora em questão que afirma ainda que nesse processo rumo à democratização cultural e artística, o museu e a escola devem trabalhar em conjunto. Só será possível democratizar o acesso a arte e a cultura à medida que o público sentir-se convidado, familiarizado, apropriado da cultura exposta em instituições, isso será possível quando a arte educação for compreendida como um conjunto, e a prática pedagógica tanto em escolas quanto em centros de arte atuar de forma interligada e correlacionada. A escola pode dar o primeiro passo rumo à realização desse objetivo. As secretarias de educação estaduais e municipais poderiam incentivar seus educadores a freqüentar cursos de atualização e aperfeiçoamento.

Com relação ao ensino de arte na escola Franz ainda afirma:

Com as mudanças metodológicas no ensino da arte, principalmente com a introdução da “Metodologia Triangular” no ensino formal, a leitura da obra de arte também passou a ser um dos objetivos da educação escolar. A diferença é que os museus não podem, com sua limitada estrutura física, atender às três vertentes dessa metodologia (FRANZ, 2001, p. 45).

Em contrapartida a escola tem espaço e estrutura (ainda que precária) para atender as três vertentes da proposta triangular, o que parece ainda fazer falta é a qualificação dos métodos para atividades de leitura de imagem. Não creio ser possível, ou até mesmo eficaz obter êxito com a proposta triangular enquanto os educadores estiverem atrelados a metodologias tradicionais para a realização de tal atividade, o educador mediador tem seu fazer prático em sala de aula à medida que associa a mediação como fator qualificador nas atividades planejadas dentro da metodologia triangular.

Ainda sobre leitura de imagem abordo Analice Dutra Pillar que discorre o seguinte:

Ler uma obra seria, então, perceber compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na

imagem, sua temática, sua estrutura. No entanto, tal imagem foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. E esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e de apropriação do mundo. (PILLAR, 1999, 13).

A leitura de imagem de arte atualmente se faz indispensável dentro de um projeto de ensino aprendizagem em arte educação e não é a toa que em geral as imagens têm lugar de destaque nos planos de estudos da disciplina. Graças às atividades de observação, mediação, análise e leitura de imagem é possível desenvolver uma consciência tanto crítica quanto estética, capaz de tornarem ricas as experimentações e o fazer artístico dos aprendizes, bem como ajudam a construir o repertório do cidadão em formação. Repertório de conhecimentos, conceitos, imagens e experimentações que após serem internalizadas pelos educandos se somam e se relacionam a tantas outras. Neste ponto a história e a bagagem de vida que cada um carrega consigo influenciará a maneira como as relações entre os conhecimentos apreendidos e internalizados ocorrerá em cada sujeito. O processo de mediação possibilita conhecer o contexto do artista, autor de determinada obra, bem como é possível estabelecer as relações entre o ontem e o hoje. Entre o contexto do artista e o contexto em que se encontra o sujeito presente. A leitura de imagem enquanto um conteúdo escolar já estabelecido é uma das maneiras que dispomos de proporcionar o desenvolvimento estético dos nossos alunos segundo afirma Maria Helena Wagner Rossi (1995, p. 34).

O trabalho desenvolvido com imagens em sala de aula possibilita ao estudante compreender e construir o conhecimento a cerca das questões abordadas pela arte. A visualização de imagens produzidas em diferentes períodos artísticos auxiliam não somente a construção de desenvolvimento das potencialidades artísticas dos aprendizes, como também possibilita ao estudante conhecimento histórico a respeito do período em que determinada obra foi produzida, bem como enriquecer seu repertório de imagens, linguagens e conceitos. Porém, tal como afirma Teresinha Franz, não podemos continuar executando as mesmas atividades de leitura de obras de arte para qualquer público escolar sem considerar em que estágio de compreensão estética esse público está. Por isso saliento a importância de se considerar a bagagem cultural e social que determinado grupo escolar traz consigo. Denotou-se essa preocupação na fala das mediadoras participantes da

pesquisa, e acredito que na escola este é um aspecto de muita importância, à medida que a escola lida com as diversidades todos os dias, lida com distintas bagagens culturais.

Um dos principais objetivos da arte educação atualmente é a de proporcionar aos nossos aprendizes o aprimoramento da percepção, a reflexão crítica e atuante acerca das questões abordadas pelas Artes, auxiliando com isto na formação de um cidadão plenamente desenvolvido em suas habilidades e potencialidades, crítico e atuante dentro seu contexto social. Para isso devemos proporcionar aos nossos educandos acesso aos bens da cultura, sem esquecer que uma visita ao museu nunca poderá ser substituída por uma projeção de imagens na sala de aula da escola, ainda que esse possa ser considerado o primeiro contato com a arte, mas ainda assim é só o primeiro contato, um contato superficial. Por isso, acredito que o contato mais profundo ocorre nos museus, em contato direto com a obra e não com a reprodução dela. Para que este contato no museu realmente ocorra de forma significativa o primeiro contato, aquele que ocorre na escola, deve ser preparado, pensado e posto em prática com responsabilidade, proporcionando-se processos de mediação e fruição da arte mais prazerosos e eficazes do que as leituras de imagem via questionários escritos, que comumente encontramos já estabelecidos pelos planos de estudos das instituições de ensino.

Segundo afirma Maria Isabel Leite:

É no diálogo com o outro e com a cultura que cada um é constituído, desconstruído, reconstruído, cotidianamente. O acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade (LEITE, 2005, p.23).

Com isso ao término da pesquisa faço algumas considerações que talvez me auxiliem a responder parte daquilo que buscava. Compreendi por exemplo, que o processo de mediação se faz necessário na escola, tanto quanto nas instituições culturais. Encontrei o conceito de educador mediador, como um profissional que pode atuar nos dois âmbitos, pois, no museu também tratamos de arte educação, tanto quanto se faz na escola.

Durante a pesquisa procurei construir um conceito de mediação que permeia a prática com base em Mirian Celeste Martins e Fernando Hernández em uma espécie de relação e correlação de conceitos, como uma espécie de diálogo entre

os dois. Acredito que na escola o processo de mediação parte da importância de possibilitar a problematização do conhecimento da arte / obra, isso se consegue por meio das indagações e questionamentos como método de trabalho. Essas indagações devem ter como base a bagagem cultural, o contexto e o conhecimento que os indivíduos possuem. As indagações e a socialização das respostas e das opiniões constroem o diálogo de mediação, onde o educador é interlocutor, atua como uma espécie de ponte de acesso e trânsito entre obra/ arte e público/ estudante. O educador mediador é um facilitador de contatos. Isso auxilia os educandos/ público a refletir e olhar / observar as obras de forma atenta e minuciosa, com isso tem-se o desenvolvimento do sensível olhar pensante, onde o educador mediador é o responsável por instigar e cultivar a prática dessa forma de olhar pensando e construindo.

A partir do momento em que ocorre a socialização das idéias dos sujeitos do grupo, inicia-se o processo de construção coletiva, aqui ocorre a apropriação de idéias. Cada sujeito se apropria da opinião do outro e constrói internamente o seu próprio conceito de determinada obra, ampliando assim seu repertório. Acredito ser esta uma prática mais eficaz e prazerosa para o estudo e leitura de imagem na escola, que até então ocorre de forma escrita e teórica, não socializada e não debatida.

Mais prazerosa porque a partir do momento em que o diálogo entra no processo como um facilitador, a leitura de imagem passa a ser prática, com interação, entrosamento e troca de informações entre educando /educador, atendendo assim as exigências da epistemologia interacionista.

Antes de concluir gostaria de trazer quatro colocações importantes que as entrevistadas trouxeram durante a pesquisa, são elas:

L.: “[...] principalmente, explorar muito a criatividade e imaginação deles. Pois, aí todo o domínio de conteúdo fica mais fácil de ser problematizado”.

T.: “Deixar claro que a obra de arte é um material aberto a interpretações”.

K.: “Cada mediação é uma nova descoberta, não existe receita pronta para ela ser boa ou ruim”.

J.: “As possibilidades de trocas são infinitas quando o educador assume a posição de Mediador”.

Por fim, concluo a monografia do projeto *Arte educação e processos de mediação: do museu para a sala de aula* com a certeza de que muito ainda precisa ser feito dentro da pesquisa. A primeira etapa constituiu-se em estudar, pesquisar e identificar práticas de ensino aprendizagem em Artes mais eficazes e prazerosas. Esta etapa se conclui com este projeto. A segunda etapa consiste em pôr em prática as teorias e a técnica de mediação aqui estudada, compreender como se processa e quais os resultados da mediação na escola. Saber o quanto eficazes e realmente prazerosas e viáveis elas se apresentam na escola. E assim como iniciei com Fernando Hernández gostaria de terminar com ele, pois acredito agora mais do que antes de iniciar a pesquisa, que “aprender é uma atividade prazerosa. Não Fácil, mas prazerosa”.

REFERÊNCIAS

FERRAZ, Maria Heloísa C; FUSARI, Maria F. Encaminhando a ação pedagógica em arte. In: *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANZ, Teresinha Sueli. *Educação para a compreensão da arte: Museu Victor Meirelles*. Florianópolis: Insular, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. Fernando Hernández e a indagação como método de trabalho. Porto Alegre: 2002. Revista *A paixão de aprender*, Porto Alegre, n. 15, p. 6-14, dez. 2002. Entrevista concedida a Claudia Regina da Silva

HERNÁNDEZ, Fernando. *IR ALÉM DA VISÃO E DA SATISFAÇÃO, a educação para a compreensão crítica da cultura visual: A importância das boas perguntas, ... para facilitar atos de compreensão*. Barcelona: Universidad de Barcelona, novembro de 2002. (Texto cedido pela Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul para o Curso de Formação de Mediadores da 4ª Bienal do Mercosul em 2003).

LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). *Museu, educação e cultura: Encontros de crianças e professores com a arte*. São Paulo: Papyrus, 2005. p.19-54.

MARTINS, Mirian Celeste. O Sensível Olhar - Pensante. In: *Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Teresinha Telles. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Territórios da mediação*. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2003 (Texto cedido pela Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul para o Curso de Formação de Mediadores da 4ª Bienal do Mercosul em 2003).

MARTINS, Mirian Celeste. *Expedições Culturais: Guia Educativo de Museus do Estado de São Paulo: Expedições instigantes*. (Texto cedido pela Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul para o Curso de Formação de Mediadores da 4ª Bienal do Mercosul em 2003).

MARTINS, Mirian Celeste; SCHULTZE, Ana Maria; EGAS, Olga (orgs.). *Mediando [con]tatos com arte e cultura*. São Paulo: Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, novembro de 2007 (Grupo de pesquisa Mediação Arte/Cultura/Público)

PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 9 -22.

ROSSI, Maria Helena Wagner. A compreensão das imagens na arte. In: *Arte & Educação em revista*. Porto Alegre, n. 1, outubro de 1995.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação: Aprendizagem do olhar. In: *Observação, registro, reflexão: Instrumentos Metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

ANEXOS

Roteiro / Entrevista

Nome: _____ Idade: _____

Formação acadêmica: _____

Pós-graduação: () Sim () Não

Especifique: _____

Tempo de atividade como mediador: _____

Tempo de atividade como educador: _____

Área de atuação: _____

1 - Com base na experiência de mediador, qual o aspecto fundamental em uma mediação?

2 - Segundo Fernando Hernández, saber problematizar o assunto a ser exposto é fundamental para que o aprendiz / visitante construa seu repertório próprio de conhecimentos. Como você problematiza as obras das exposições bem como seu contexto durante as visitas mediadas dos grupos de estudantes?

3 - Que indagações são importantes durante o processo de mediação?

4 - Enquanto educador no contexto escolar você acha possível fazer uso do processo de mediação nas aulas de Arte, no trabalho com vídeos, reproduções de obras entre outros meios?

5 - Como você faria uso do seu repertório de mediação (metodologias) em um ambiente escolar? Exemplifique.